

**Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais**

**Mestrado em Psicologia**

Área de especialização / Psicologia da Educação

Dissertação

**Manifestações e motivos do bullying homofóbico: um estudo  
no Ensino Secundário**

Iris Alexandra Lopes Correia

Orientador(es) / Madalena Melo

Évora 2021

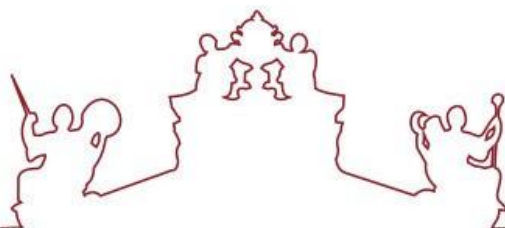
---

---

---

---

---



**Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais**

**Mestrado em Psicologia**

Área de especialização / Psicologia da Educação

Dissertação

**Manifestações e motivos do bullying homofóbico: um estudo  
no Ensino Secundário**

Iris Alexandra Lopes Correia

Orientador(es) / Madalena Melo

Évora 2021

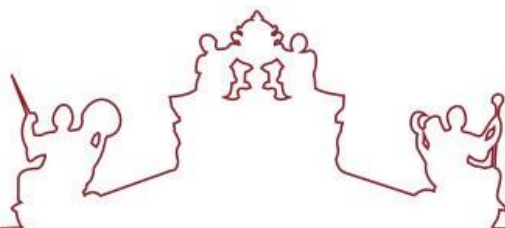
---

---

---

---

---



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente / Nuno Rebelo dos Santos (Universidade de Évora)

Vogais / Madalena Melo (Universidade de Évora) (Orientador)  
Maria Luísa Grácio (Universidade de Évora) (Arguente)

## Resumo

O presente estudo tem como principais objetivos aprofundar o estudo do *bullying* homofóbico nas suas variadas manifestações e os motivos que o despoletam, no Ensino Secundário. Para tal, foram utilizadas duas escalas: a Escala de Comportamento de Observadores de *Bullying* – ECOB (Melo & Pereira, 2017) e a sua adaptação para o estudo do *bullying* homofóbico. Esta escala permite identificar o papel que os/as observadores/as assumem durante as situações de *bullying* e de *bullying* homofóbico; e a Escala de Observação de Manifestações e Motivos do *Bullying* Homofóbico – EOMMBH, construída propositadamente para este estudo, que visa avaliar as manifestações e os motivos que despoletam o *bullying* homofóbico. O estudo foi realizado em função de variáveis sociodemográficas como o sexo, tipo de curso frequentado e ano de escolaridade.

Os resultados da análise psicométrica das escalas permitiram verificar que medem os constructos de forma válida e fiável. Relativamente aos principais resultados, estes sugerem que as raparigas são mais propensas a atuar como defensoras e os/as alunos/as dos cursos profissionais revelam mais comportamentos pro-*bully*. Por sua vez, os/as alunos/as que frequentam o 10º ano são os que relatam utilizar mais estratégias de afastamento das situações de *bullying* e de autoeficácia em comparação com os/as alunos/as que frequentam os 11º e 12º anos.

**Palavras-chave:** *Bullying* homofóbico; *Bullying*; Heterossexismo; Ensino Secundário; Observação de *bullying*.

*Número de palavras:*

17748 (Com Referências Bibliográficas)

15564 (Sem Referências Bibliográficas)

## **Abstract**

### *Manifestations and motives of homophobic bullying: a study in a High School*

The main goal of this study is to deepen the understanding of homophobic bullying in its several manifestations, and the reasons that trigger it in High School. Two scales were used for such: the *Escala de Comportamento de Observadores de Bullying* – ECOB (Melo & Pereira, 2017) and its adaptation for the study of homophobic bullying. This scale allows the identification of the roles assumed by the observers on bullying and homophobic bullying situations; and the *Escala de Observação de Manifestações e Motivos do Bullying* – EOMMBH, custom built for this study with the purpose of evaluating the motives and manifestations that trigger homophobic bullying. The study was performed according to sociodemographic variable like sex, kind of courses attended and the school year.

The results from the psychometric analysis of the scales allowed the confirmation that they measure the constructs in a valid and reliable way. Regarding the main results, they suggest that girls are more prone to act as defenders, as well as the male and female students and students from professional courses show more pro-bully behavior. On the other hand, male and female students that attend to the 10<sup>th</sup> school year are the ones that most report using strategies for distancing from bullying and self-efficiency situations, in comparison with the male and female students that attend to the 11<sup>th</sup> and 12<sup>th</sup> school years.

**Keywords:** Homophobic *bullying*; *Bullying*; Heterosexism; High school; *Bullying* observation.

## **Agradecimentos**

Apesar da redação deste trabalho ser individual, há agradecimentos que não posso deixar de referir.

À minha orientadora, a Professora Madalena Melo, um sincero agradecimento, pela compreensão, por toda a ajuda e incentivo durante o decorrer deste moroso e difícil trabalho. Sem ela este trabalho nunca existiria. Obrigada!

À Escola Secundária Gabriel Pereira e a todos os que participaram neste estudo, quero manifestar o meu agradecimento pela disponibilidade e interesse demonstrado, tal como pela colaboração, participação no processo de recolha dos dados e por terem visto o potencial deste estudo e, assim, proporcionado e facilitado a realização do mesmo.

Aos meus pais, avós e padrinhos, que sempre me deram todo o apoio, tolerância, compreensão e amor durante todo o meu percurso académico e todo o meu desenvolvimento enquanto pessoa. A vocês devo tudo o que sou e tudo o que tenho. Nunca haverá palavras suficientes. Muito obrigada!

Por fim, aos meus amigos e amigas, que sendo poucos (mas bons!) estando por perto ou não sempre tiveram uma palavra de apoio e de carinho para me dar. Obrigada por me incentivarem a continuar quando só me apetecia desistir.

<b>Índice</b>	
<b>Índice de tabelas</b> .....	<b>i</b>
<b>Introdução e Enquadramento Teórico</b> .....	<b>1</b>
Bullying Escolar .....	1
<i>Bullying</i> Homofóbico .....	7
Motivos que influenciam os/as observadores/as a atuar em situações de <i>bullying</i> e <i>bullying</i> homofóbico .....	11
Objetivo geral do estudo/pertinência do estudo .....	12
<b>Método</b> .....	<b>13</b>
Objetivos específicos/questões de investigação .....	13
Participantes .....	13
Instrumentos.....	15
Questionário sociodemográfico .....	15
Escala de Comportamento de Observadores de <i>Bullying</i> – ECOB e Escala de Comportamento de Observadores de <i>Bullying</i> Homofóbico – ECOB BH.....	15
Escala de Observação de Manifestações e Motivos do <i>Bullying</i> Homofóbico - EOMMBH .....	16
Procedimentos de recolha de dados.....	17
Procedimentos de análise de dados.....	18
<b>Apresentação e análise dos resultados</b> .....	<b>19</b>
<b>Discussão dos Resultados</b> .....	<b>42</b>
Limitações e sugestões para estudos futuros.....	45
Implicações práticas .....	45
<b>Referências</b> .....	<b>47</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>56</b>

## Índice de tabelas

Tabela 1. <i>Distribuição dos/as participantes por Tipo de Curso, Sexo e Ano de escolaridade</i> .....	14
Tabela 2. <i>Mínimo, máximo, média e desvio-padrão da Escala de Comportamento de Observadores de Bullying (ECOB)</i> .....	20
Tabela 3. <i>Análise da estrutura fatorial da Escala de Comportamento de Observadores de Bullying (ECOB)</i> .....	21
Tabela 4. <i>Mínimo, máximo, média e desvio-padrão da Escala de Comportamento de Observadores de Bullying Homofóbico (ECOB BH)</i> .....	22
Tabela 5. <i>Análise da estrutura fatorial da Escala de Comportamento de Observadores de Bullying Homofóbico (ECOB BH)</i> .....	23
Tabela 6. <i>Mínimo, máximo, média e desvio-padrão da Escala de Observação de Manifestações e Motivos do Bullying Homofóbico (EOMMBH)</i> .....	24
Tabela 7. <i>Análise da estrutura fatorial da Escala de Observação de Manifestações e Motivos do Bullying Homofóbico (EOMMBH) – Itens referentes ao bullying homofóbico</i> .....	27
Tabela 8. <i>Análise da estrutura fatorial da Escala de Observação de Manifestações e Motivos do Bullying Homofóbico (EOMMBH) – Itens referentes ao bullying</i> .....	29
Tabela 9. <i>Médias e desvios padrão dos fatores da Escala de Comportamento de Observadores de Bullying (ECOB) em função do sexo (teste t)</i> .....	30
Tabela 10. <i>Médias e desvios padrão dos fatores da Escala de Comportamento de Observadores de Bullying (ECOB BH) em função do sexo (teste t)</i> .....	31
Tabela 11. <i>Médias e desvios padrão dos fatores da Escala de Comportamento de Observadores de Bullying (ECOB) em função do tipo de curso frequentado (teste t)</i> .	31
Tabela 12. <i>Médias e desvios padrão dos fatores da Escala de Comportamento de Observadores de Bullying Homofóbico (ECOB BH) em relação ao tipo de curso frequentado (teste t)</i> .....	32
Tabela 13. <i>Médias e desvios padrão dos fatores da Escala de Comportamento de Observadores de Bullying (ECOB) em função do ano de escolaridade (ANOVA)</i> .....	33
Tabela 14. <i>Médias e desvios padrão dos fatores da Escala de Comportamento de Observadores de Bullying Homofóbico (ECOB BH) em função do ano de escolaridade (ANOVA)</i> .....	33
Tabela 15. <i>Médias e desvios padrão dos fatores da Escala de Observação de Manifestações e Motivos do Bullying Homofóbico (EOMMBH) referentes ao bullying em função do sexo (teste t)</i> .....	34



Tabela 16. Médias e desvios padrão dos fatores da Escala de Observação de Manifestações e Motivos do Bullying Homofóbico (EOMMBH) referentes ao bullying homofóbico em função do sexo (teste t) .....	35
Tabela 17. Médias e desvios padrão dos fatores da Escala de Observação de Manifestações e Motivos do Bullying Homofóbico (EOMMBH) referentes ao bullying em função do curso (teste t) .....	36
Tabela 18. Médias e desvios padrão dos fatores da Escala de Observação de Manifestações e Motivos do Bullying Homofóbico (EOMMBH) referentes ao bullying homofóbico em função do curso (teste t) .....	37
Tabela 19. Médias e desvios padrão dos fatores da Escala de Observação de Manifestações e Motivos do Bullying Homofóbico (EOMMBH) referentes ao bullying em função do ano escolar (ANOVA) .....	38
Tabela 20. Médias e Desvios Padrão dos fatores da Escala de Observação de Manifestações e Motivos do Bullying Homofóbico (EOMMBH) referentes ao bullying homofóbico em função do ano escolar (ANOVA).....	38
Tabela 21. Correlações de Pearson (r) entre os fatores da ECOB BH e a EOMMBH .	41

## **Introdução e Enquadramento Teórico**

### **Bullying Escolar**

A escola para além de um ambiente educativo é igualmente um local que favorece a socialização entre pares, pelo que os atos violentos propagados neste contexto se assumem como um problema social, que muitas das vezes continua fora do contexto escolar e, portanto, adquire proporções graves e mais complicadas do que possam parecer a quem presencie de fora. Estes comportamentos agressivos perpetuados no recinto escolar e entre colegas são referidos de forma universal pelo termo *bullying* (Costa & Pereira, 2010).

A ocorrência do *bullying* escolar não é recente (Olweus & Limber, 2010). No entanto, apenas recentemente se tornou um tema mais aprofundado em intervenções e investigações realizadas e nos meios de comunicação, nomeadamente no que respeita a notícias e reportagens acerca da temática. Esta problemática não é exclusiva de determinadas localidades, afetando escolas e estudantes pelo mundo fora (UNESCO, 2017), e tendo-se tornado uma questão de saúde pública (National Academies of Sciences, Engineering and Medicine - NASEM, 2016). A necessidade da sua prevenção e aumento de estudos e investigações sobre o *bullying* em ambiente escolar justifica-se pela globalização do referido fenómeno e por dele advirem consequências consideravelmente negativas, imediatas ou a longo termo (Cornell & Bradshaw, 2015; Thornberg, 2015; Melo & Pereira, 2017).

Assim, o *bullying* nas escolas consiste num comportamento agressivo e contínuo que ocorre entre pares na instituição de ensino frequentada (Matos, Simões, Gaspar, & Equipa do Projeto Aventura Social, 2010). Inclui um desequilíbrio de poder entre o/a agressor/a e o alvo, sendo intencionalmente prejudicial, sem motivação evidente (Olweus, Limber, & Mihalic's, 1999; Swearer, Espelage, & Napolitano, 2009). O desequilíbrio de poder, real ou percebido, refere-se ao facto de o/a agressor/a ser mais forte de alguma forma, seja por ser mais popular, mais inteligente, fisicamente maior, entre outros, relativamente ao/à agredido/a, onde as vítimas se sentem vulneráveis e impotentes para se defenderem. Isto é, de acordo com Swearer, Espelage, & Napolitano (2009) e VandenBos (2007), o *bullying* é um comportamento violento e ameaçador dirigido a outras pessoas, especialmente aqueles que são menores ou mais fracos que o(s)/a(s) agressor(es)/a(s), ou pelo menos percebidos como tal. Assim, o *bullying* constitui um padrão de comportamento ao invés de incidentes isolados, e muitas vezes piora se não for contestado.

Existem vários fatores escolares identificados como diretamente correlacionados

com a prevalência do *bullying*, como é o caso de relações pobres entre professor-aluno (Richard et al., 2012., *cit in* NASEM, 2016), falta de envolvimento nas tarefas escolares (Barboza et al., 2009., *cit in* NASEM 2016) e percepções negativas do clima escolar (Unnever and Cornell, 2004., *cit in* NASEM, 2016). Assim, sendo a escola um ambiente privilegiado de socialização, e onde os/as jovens passam a maior parte do seu tempo, a “violência perpetuada neste contexto assume-se como uma problemática social grave e de grande complexidade” (Costa & Pereira, 2010).

De acordo com a UNESCO (2017), dentro do recinto escolar, estas situações costumam acontecer mais frequentemente nos locais menos supervisionados por professores/as e funcionários/as, como é o caso dos intervalos, corredores, vestiários e sanitários, sendo assim necessária uma maior e melhor supervisão destes mesmos espaços.

De um modo geral, “quando falamos de *bullying* referimo-nos a formas diferenciadas, mas complementares de agressão ou coação, definidas entre as seguintes tipologias: *bullying* físico, *bullying* verbal e *bullying* relacional” (Amnistia Internacional Portugal, 2016; UNESCO, 2017). O *bullying* físico pode ser qualquer forma de agressão física com a intenção de provocar dor corporal ou desconforto ao outro, como o bater, empurrar, danificar material, assediar, roubar, entre outros. O *bullying* verbal engloba o abuso verbal, isto é, manifesta-se através dos insultos, ofensas, ameaças, humilhações, intimidação, etc. No entanto, o *bullying* vai muito para além de atos violentos óbvios, sendo que muitas vezes ocorre de outras formas que não são tão facilmente detetadas (Swearer, Espelage, & Napolitano, 2009). Neste caso, fala-se de *bullying* relacional ou comumente chamada violência psicológica, que inclui o abuso emocional, o isolamento, a rejeição, a indiferença, espalhar rumores, inventar mentiras, ridiculizar, entre outros (UNESCO, 2017; Olweus, 1993a). Estes são “comportamentos mais subtis que pretendem causar danos significativos nas relações de pares e reduzir o sentimento de inclusão” (Olweus, 1993b).

Mais recentemente, surgiu o *cyberbullying*. Este tipo de *bullying* é “uma forma relativamente recente de humilhação e difamação social”, que é realizada através do uso de tecnologia de informação e comunicação, como é o caso da internet ou dos telemóveis. Para este efeito, os agressores utilizam as redes sociais como método de difusão. A utilização destes recursos para a adoção de comportamentos deliberados, repetidos e hostis pretende causar danos ao(s)/à(s) outro(s)/a(s) em grande escala, pois desta forma, “o/a agressor/a consegue influenciar um número maior de pessoas prejudicando, assim, a reputação e as amizades da vítima”, devido ao rápido efeito

multiplicador deste tipo de *bullying*, pelo que traz uma dimensão adicional de risco e dor à vítima (Neto, 2005; UNESCO, 2017).

Cowie & Jennifer (2008) e Forsberg & Thornberg (2016) enunciam uma série de motivos para que os/as agressores/as persigam os/as colegas, como é o caso das características individuais. Falamos, assim, de situações de *bullying* sobre indivíduos com características específicas, tais como “a raça, a religião ou cultura, necessidades educativas especiais ou deficiência, orientação sexual e género” (Pereira, 2015).

As situações de *bullying* englobam diversos participantes, como é o caso: da vítima, do/da agressor/a e dos/das observadores/as. Os papéis referidos são todos diferentes e são definidos por “emoções, atitudes e motivações” díspares. E, aparentam manter-se estáveis mesmo com a mudança de ano letivo (Salmivalli, 2010). Consante o papel desempenhado os indivíduos que intervêm neste ciclo e perante os episódios de *bullying* em que participam podem ter comportamentos “mais ativos ou passivos de forma direta ou indireta”, prejudicando os seus pares e/ou cada envolvido em “níveis de carácter social, emocional, físico”, entre outros. Pelo que é fulcral reconhecer todos/as os/as intervenientes referidos/as quando se investiga situações de *bullying*. Existe, também, uma igual importância em perceber se alguns/algumas dos/as observadores/as se sentem capazes de falar sobre os eventos presenciados e os/as autores/as dos episódios violentos, ou se sentem intimidados/as e inibidos/as de informar outras pessoas sobre os episódios de *bullying* que observaram por medo de sofrer represálias (Amnistia Internacional Portugal, 2016).

O *bullying* é um fenómeno de grande complexidade, pelo que ser e/ou ter sido uma vítima ou um/a agressor/a afetará a maneira como alguém intervém quando testemunha uma situação de *bullying* (Huitsing, Snijders, Van Duijn, & Veenstra, 2014). Isto porque, os/as estudantes têm dificuldade em assumir o seu comportamento quando este é violento ou quando desempenham o papel de vítimas devido à deseabilidade social (Salmivalli et al., 1996).

Sendo o *bullying* um comportamento que ocorre por definição entre pares, as relações entre pares são provavelmente o contexto social mais importante para explicar as diferenças de género relativamente a esta temática. Os padrões das relações sociais de rapazes e raparigas são bastante diferentes – os rapazes interagem mais e em grupos maiores enquanto as raparigas envolvem-se em relações sociais mais íntimas e intensas (Araújo, 2005). Assim, as raparigas adoptam maioritariamente formas de agressão relacionais, que prejudiquem os relacionamentos dos seus pares, e tentam evitar a agressão física ou a retaliação. Por outro lado, os rapazes preferem exibir a sua

força física e assertividade para agredir os outros fisicamente (Perren, 2000). Isto é, os rapazes participam mais no *bullying* físico, enquanto as raparigas participam maioritariamente no *bullying* verbal e nas variadas formas de *bullying* indireto (Fante, 2005). No entanto, cada vez mais, este cenário está a modificar-se e as raparigas têm vindo a envolver-se mais em agressões físicas (António, 2019). No que diz respeito ao *bullying* homofóbico, os rapazes utilizam mais comentários homofóbicos para afirmar o seu domínio sobre os seus pares e apresentam mais atitudes negativas relativamente às minorias sexuais, em comparação com as raparigas. Os adolescentes do sexo masculino envolvem-se mais em comportamentos homofóbicos de forma a provar a sua masculinidade ou para evitar comentários de cariz homofóbico acerca de si mesmos (António, 2019).

Uma vítima de *bullying* é um indivíduo que é atormentado, intimidado, provocado, batido ou sofre consequências prejudiciais por outros sem razão aparente (Boulton e Smith, 1994; Pereira, 2015).

Vários investigadores/as diferenciam dois tipos de vítimas: as vítimas passivas e as vítimas provocadoras (Harris & Petrie, 2003). As vítimas passivas englobam a maior parte das vítimas e são caracterizadas como pessoas passivas, frágeis, desprotegidas, facilmente domináveis, mais ansiosas e inseguras quando comparadas com os/as pares e com uma maior tendência para a introversão (Berger, 2007; Harris & Petrie, 2003; Pereira, 2015). A maior parte das vítimas são jovens que mostram receio de confrontos (Harris & Petrie, 2003) e que demonstram uma atitude negativa face aos comportamentos violentos, tendo assim medo de auxiliar-se da violência mesmo que seja em sua defesa (Olweus, 1994). Este tipo de vítimas tende a ter uma perceção negativa de si mesmas e uma baixa autoestima acentuada ainda mais pelas críticas a que são sujeitas, seja por parte dos seus pares ou por adultos. Estas características levam à omissão dos incidentes de *bullying* por temerem retaliações da parte do/a agressor/a, por se culparem a si mesmas dado que se consideram fracas e/ou porque pensam que ninguém as pode ajudar. Aliado a tudo isto, as vítimas passivas tendem a mostrar o seu sofrimento, o que funciona como um reforço do/a agressor/a (Berger, 2007).

Os estudos têm revelado que o *bullying* escolar constitui uma problemática com elevada prevalência, que compromete a aprendizagem, tendo consequências como o evitamento da escola e/ou dos pares, redução do desempenho escolar, insucesso académico e até o abandono escolar precoce (Carvalhosa, Moleiro & Sales, 2009; Gouveia, 2016). Para além dos problemas de ajustamento que concernem à vida

escolar os/as jovens agredidos/as apresentam, ainda, diversos problemas de internalização, tais como a ansiedade, depressão, solidão e baixa autoestima (Gouveia, 2016). Devido à perturbação das relações interpessoais, do desenvolvimento socioemocional dos/as jovens agredidos/as, e da redução do clima de segurança e proteção que deveria ser sentido na escola, podem surgir, também, sintomas de desconforto físico (Carvalhosa, Moleiro & Sales, 2009).

As vítimas provocadoras desafiam ou intimidam os pares até que estes respondam à provocação, isto é, elas incentivam os/as seus/as agressores/as (Pereira, 2015). Este tipo de vítimas ataca e é atacado por outras (Harris & Petrie, 2003) e apresenta características consideradas de risco elevado (Haynie et al., 2001), nomeadamente carência de competências sociais, no que diz respeito à resolução de conflitos e de problemas, à comunicação, e em obedecer a ordens de entidades consideradas superiores (Haynie et al., 2001). Revelam ainda problemas comportamentais de origem diversa, insensibilidade para com os pares (Harris & Petrie, 2003), sintomas depressivos, reduzido autocontrolo e um fraco desempenho académico (Haynie et al., 2001; Pereira, 2015).

Um/a agressor/a ou um/a *bully* é o indivíduo que recorrentemente bate, provoca ou que tem outro tipo de comportamentos desagradáveis com os seus pares sem razão aparente (Boulton e Smith, 1994). O(s)/A(s) agresso(res)/a(s) (*bully ou bullies*) são caracterizados/as pela sua hostilidade para com os pares e impulsividade (Olweus, 1993<sup>a</sup>; Pereira, 2015); pela necessidade de dominação sobre os/as outros/as (Olweus, 1993a, 1993b), e pela pouca empatia para com as vítimas e satisfação pela dor provocada nas mesmas (Harris & Petrie, 2003). Depois de escolherem a(s) sua(s) vítima(s) mantêm um padrão de agressão ao longo do tempo, independentemente de saberem que os estão a humilhar e maltratar e das consequências que o seu comportamento advém para as vítimas (Harris & Petrie, 2003; Pereira, 2015).

Uma visão comum, entre vários autores, é que apesar destes indivíduos se apresentarem como pessoas extremamente seguras e vistos pelos pares como fortes, extrovertidos e felizes, “detentores de um poder e confiança que reforçam o seu carácter de liderança”. São, no entanto, pessoas inseguras e ansiosas, com baixa resistência às frustrações e dificuldades na adaptação aos princípios socialmente aceites (Smith, Morita, Junger-Tas, Olweus, Catalano, & Slee, 1999; Amnistia Internacional Portugal, 2016).

Existem, ainda, outros comportamentos que caracterizam os/as agressores/as para além dos enunciados acima: No que diz respeito ao ambiente escolar, estes

revelam uma maior prevalência para quebrar as regras comparando com os/as restantes colegas, mais comportamentos de oposição e atitudes indesejadas face a figuras de autoridade, como é o dos/as professores/as, podendo ocorrer no ambiente familiar, também, com os pais e/ou mães (Harris & Petrie, 2003).

De acordo com Estévez, Jiménez e Musitu (2008), além da descrição referida anteriormente, os/as agressores/as têm como “motivação quatro necessidades principais: a de se destacar, a de poder, a de sentir-se diferente, e a de preencher um vazio emocional”.

A longo prazo, estes indivíduos, poderão apresentar “maiores dificuldades no desenvolvimento e manutenção de relações positivas”, em comparação com os restantes indivíduos (Bullock, 2002). Para além do referido, os/as agressores/as podem revelar maiores taxas de consumo e adição de substâncias e de comportamento violento posterior (Carvalhosa, 2009).

No entanto, o *bullying* não é uma situação isolada que acontece somente entre o/a agressor/a e a vítima, é de salientar os/as observadores/as, ou seja, os outros indivíduos que são testemunhas das situações de *bullying* (Tsang et al., 2011) e que representam um número mais elevado do que o de agressores/as e vítimas (Oh & Hazler, 2009). Na maior parte das vezes não se dá a devida importância aos/as observadores/as que são vistos apenas como espectadores/as no testemunho de agressões (Tsang et al., 2011). No entanto, os/as mesmos/as podem desempenhar variados papéis nas situações de *bullying*, influenciando essas situações de diferentes formas (Melo & Pereira, 2017). De acordo com Salmivalli et al. (1996; Pereira, 2015) existem quatro papéis que podem ser assumidos pelos/as estudantes perante situações de *bullying*: 1) os/as “assistentes dos/as agressores/as”, são os indivíduos que para além de seguirem os/as agressores/as vistos como líderes, acabam por participar nos episódios de violência; 2) os/as “reforçadores/as dos/as agressores/as”, que estimulam os comportamentos violentos dos/as agressores/as rindo e incitando a continuar o *bullying*; 3) os “*outsiders* ou observadores passivos” (Gini, Albiero, Benelli, & Altoè, 2008), são os indivíduos que observam os comportamentos violentos sem qualquer envolvimento. Todavia acabam por reforçar o comportamento dos/das agressores/as pois também não desaprovam estas situações (Salmivalli et al., 1996; Salmivalli, 1999; Craig, Pepler, & Atlas, 2000); 4) os “defensores das vítimas”, que tal como o nome indica as apoiam e se esforçam por colocar termo às situações violentas de que são alvo (Salmivalli et al., 1996; Salmivalli, 1999, Pereira, 2015).

Nas situações de *bullying* os/as observadores/as são o grupo que se encontra

em maior número, e, sendo uma situação que se enquadra num contexto social faz com que estes sejam os que têm maior influência. Desta forma, têm de ser sempre considerados porque perante estas situações qualquer atitude, passiva ou ativa acaba por ser um reforço tanto para o/a agressor/a como para a vítima (Salmivalli et al., 2011; Tsang et al., 2011), influenciando e reforçando o *bullying* nos espaços escolares e extraescolares (Neto, 2007; Amnistia Internacional Portugal, 2016).

Apesar dos/as observadores/as não se quererem envolver por receio de passarem a ser, também, vítimas, e/ou sofrerem outro tipo de represálias por parte do/a(s) agressor/a(es/as sentem-se igualmente culpados/as perante as vítimas por assistirem a estas situações e não intervirem ativamente de forma a auxiliá-las. O seu envolvimento, embora que apenas como testemunhas reforça o comportamento dos/as agressores/as (Neto, 2007; Amnistia Internacional Portugal, 2016).

O envolvimento no *bullying*, seja em que papel for, pode ser um preditor de futuros comportamentos anti-sociais, criminais, de dificuldades sociais e de relacionamento (António, 2019).

### ***Bullying* Homofóbico**

Nos últimos anos tem vindo a verificar-se um interesse gradual em temáticas que se relacionam com a homossexualidade, o estigma e as suas consequências, que envolvem a população lésbica, gay, bissexual, transsexual e intersexual (LGBTI). Os diversos estudos acerca desta problemática revelam que a prevalência de vítimas de *bullying* é notoriamente mais elevada entre “jovens de minorias sexuais do que entre aqueles que se são identificados ou que identificam como heterossexuais” (Berlan, Corliss, Field, Goodman & Austin, 2010, cit. por Hong & Garbarino, 2012; Rivers, 2011; Rivers & Cowie, 2007).

O *bullying* é frequentemente motivado pelo preconceito contra determinados grupos (Orue & Calvete, 2018). No que diz respeito aos gays e às lésbicas o conceito mais difundido relativamente ao preconceito é a homofobia (Gato, Carneiro, & Fontaine, 2011). Esta pode manifestar-se através do *bullying* homofóbico (tipo específico de *bullying*), baseado num preconceito que se manifesta através de agressões, perseguições ou ameaças, relacionadas com a orientação sexual ou identidade de género reais ou percebidas da(s) vítima(s) (Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2013; António, 2019).

Os/as estudantes podem ser alvo deste tipo de *bullying* por causa da sua aparência, do seu comportamento, das suas características físicas, por terem amigos/as



ou familiares homossexuais ou por questionarem a sua sexualidade. As vítimas de *bullying* homofóbico são geralmente indivíduos que se identificam como homossexuais (Orue & Calvete, 2018). No entanto, os/as estudantes heterossexuais também podem ser vitimizados, não por causa da sua orientação sexual, mas porque são vistos, como de alguma forma, a contrariar as expectativas tradicionais do papel de género masculino e feminino (Poteat & Espelage, 2005). Assim, o heterossexismo é um dos exemplos que leva à ocorrência de comportamentos de *bullying*, nomeadamente, entre os rapazes, que demonstram mais atitudes homofóbicas em comparação com as raparigas. Estes comportamentos justificam-se muitas das vezes pelos “padrões normativos de género”, que os faz reagir de modo mais agressivo para com aqueles que são homossexuais ou percecionados como tal. O *bullying* homofóbico executado por elementos do sexo masculino fá-los pensar que assim mantêm a sua “posição social” e acentuam “a sua masculinidade e heterossexualidade” (Cunha, 2014).

De acordo com Costa e Pereira (2010) o *Bullying* Homofóbico “pode afetar qualquer jovem, independente da sua orientação sexual”. Isto é, o *bullying* homofóbico também afeta jovens que não são lésbicas, gays ou bissexuais, mas que são alvos por serem percecionados como tal ou por serem vistos como diferentes, em algum aspeto da sua expressão de género (António, Pinto, Pereira, Farcas, & Moleiro, 2012). Ou por terem comportamentos que fogem ao considerado como um estereótipo de género tipicamente cultural, devido à intolerância face à diversidade de género, ocorrendo também com os alunos/as cujas figuras parentais são homossexuais (António, Pinto, Pereira, Farcas, & Moleiro, 2012). Para O’Higgins-Norman (2008), o *bullying* homofóbico pode dividir-se em “*bullying* subjacente” que diz respeito à heteronormatividade do ambiente escolar, relacionado com o que é expectável para cada papel de género, e o *bullying* que se baseia na intimidação de indivíduos “com diferentes orientações sexuais”.

O *bullying* homofóbico é muito comum nas escolas. Os/as estudantes que se questionam sexualmente e aqueles que se identificam como não heterossexuais são mais provocados devido à sua orientação sexual do que os estudantes heterossexuais (Espelage, Aragon, Birkett & Koenig, 2008). Com os/as jovens homossexuais a forma mais comum de *bullying* é o verbal, mais propriamente o uso de linguagem homofóbica (e.g., “o que fazes é tão gay”) (Orue & Calvete, 2018).

Relativamente à adolescência, os/as jovens homossexuais enfrentam desafios mais complexos, tais como o preconceito, a discriminação e até a violência devido à sua orientação sexual para além de terem que lidar com as questões próprias dessa faixa

etária como é o caso de se integrar num grupo de pares e fazer escolhas que determinem o seu futuro académico e/ou de carreira. Devido a todos os comportamentos discriminatórios e violentos que vivem por parte dos/as colegas, não só contra eles, mas, também, contra os seus bens pessoais, estes/as alunos/as são mais propensos/as a desistir da escola quando comparados com os/as colegas com uma orientação sexual heterossexual (Nogueira et al, 2010). Estes motivos levam a que os/as alunos/as homossexuais se isolem por medo dos rótulos que lhes são colocados e por sentirem que não são apoiados pelos/as amigos/as e/ou familiares (American Psychological Association – APA, 2008). Do assédio homofóbico poderão resultar, para as vítimas, problemas de autoestima e confiança, particularmente se essas situações ocorrerem numa idade em que os/as jovens se encontram a desenvolver e a descobrir não só a sua identidade e o seu lugar na sociedade enquanto pessoas, mas também enquanto exploram e descobrem a sua orientação sexual (Pimenta, 2013). De acordo com Tackacs (2006) estes/as jovens podem ainda sofrer de consequências prejudiciais ao nível da saúde mental, tendo riscos mais elevados de desenvolver depressão e/ou ansiedade, de cometer automutilação e até suicídio. Aliado a estas consequências estão também os impactos que sucedem no desempenho e aproveitamento escolar, que pode baixar, chegando a quererem abandonar o ensino e uma autoexclusão relativamente aos/às colegas. Rivers (2004) enuncia uma série de outros impactos do *bullying* homofóbico ao nível físico e psicológico, como é o caso das “queixas somáticas” e do “stress pós-traumático” (Poteat & Espelage, 2007). Porém, as consequências da vitimização a que são sujeitos dependem igualmente dos seus mecanismos de defesa o que leva a que cada indivíduo reaja e responda de forma distinta (Pimenta, 2013). Assim, para prevenir o *bullying* homofóbico, é importante detetar as variáveis que contribuem para esse tipo de agressão (Orue & Calvete, 2018).

Relativamente à prevalência do *bullying* homofóbico, pesquisas realizadas pela *European Union Agency for Fundamental Rights - FRA* (2020) na União Europeia, mostram que as pessoas gays e lésbicas ainda enfrentam obstáculos para poder usufruir dos seus direitos fundamentais em várias áreas da sua vida, em particular no emprego e na educação, sendo vítimas de violência e assédio em locais públicos. No entanto, as vítimas raramente denunciam os atos de discriminação ou incidentes de violência e/ou assédio à polícia ou a qualquer outra autoridade. De acordo com dados apresentados no estudo referido anteriormente que dizem respeito a estudos feitos em toda a União Europeia, 58% dos/as inquiridos/as afirmam ter sido pessoalmente discriminados/as ou assediados/as com base na sua orientação sexual, sendo que 21%

o sentiram no seu local de trabalho. As mulheres lésbicas (55%) e os/as inquiridos/as com uma faixa etária entre os 18 e os 24 anos (57%) são os/as que mais afirmam já se terem sentido discriminados/as e/ou assediados/as devido à sua orientação sexual (FRA, 2014; FRA, 2020). Dos jovens em idade escolar, a faixa etária com taxas mais altas de *bullying* homofóbico no seu local de estudo são os/as alunos/as entre os 15-17 anos (FRA, 2020). Relativamente aos dados que dizem respeito especificamente ao *bullying* homofóbico na área da educação, 8 em cada 10 dos/as inquiridos/as ouviu comentários negativos ou viu atitudes incorretas para com outro/a colega da escola por percecionarem este/a como homossexual. Sendo que 68% diz que estes comentários ou condutas ocorreram com bastante frequência ou sempre que mantinham contacto com o/a aluno/a em questão. Além disso, 67% afirma ter escondido a sua orientação sexual durante o tempo de escolaridade obrigatória para não sofrerem *bullying*, sendo que esta percentagem abrange mais elementos do sexo masculino. De todos/as os/as entrevistados/as 6% revelam ter sido atacados/as ou ameaçados/as de forma violenta por terem sido percecionados como homossexuais (FRA, 2014; FRA, 2020).

Mais especificamente no Reino Unido, num estudo com uma amostra de 1100 adolescentes, constatou-se que 65% dos/as estudantes menores de 18 anos já foram vítimas de *bullying* homofóbico direto, sendo que 95% referiram ter sofrido agressões verbais de conteúdo homofóbico, e 35% declararam que não se sentem seguros/as nem aceites na sua instituição de ensino. No que concerne ao género, 62% das raparigas e 56% dos rapazes omitiram as situações a que foram sujeitos/as. No mesmo estudo e relativamente aos tipos de *bullying* a que foram sujeitos/as, 92% afirmou ter sido vítima de *bullying* homofóbico verbal, 41% de *bullying* físico e 17% de *bullying* psicológico, chegando a receber ameaças contra a própria vida (Stonewall, 2007., *cit in* Pimenta, 2013).

Os diversos estudos sobre o *bullying* homofóbico em países como os Estados Unidos, Canadá, Reino Unido e Austrália revelam que estes são os países que apresentam “as maiores taxas de exclusão, assédio e assaltos nas escolas, a jovens com orientações sexuais” não normativas, quando comparadas com os seus pares heterossexuais (Berger, 2007; UNESCO, 2019). Nos Estados Unidos da América, 34,2% dos/as jovens gays, lésbicas ou bissexuais declararam sofrer *bullying* homofóbico no recinto escolar, chegando 11,2% desses/as mesmos/as alunos/as a relatar violência física. No entanto, é a Austrália que apresenta os valores mais elevados de *bullying* homofóbico, dado que 60% a 70% dos jovens LGBT em idade escolar relataram sofrer *bullying* devido à sua orientação sexual (UNESCO, 2019).

Por sua vez, dados de estudos realizados em escolas portuguesas (Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual, Trans e Intersexo – ILGA, 2018), com uma amostra de 663 estudantes, com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos, mostram que 61,1% dos/das jovens afirmam já ter ouvido comentários homofóbicos na sua escola, 73,6% declaram ter sofrido algum tipo de exclusão deliberada por parte dos colegas devido à sua orientação sexual real ou percebida. e 68,5% dos/as participantes afirmaram já ter sido intimidados/as, insultados/as ou agredidos/as na escola por terem outro tipo de orientação sexual que não a heterossexualidade, ou por alguém que os/as via dessa forma. Os inquiridos afirmam que apenas 30,4% das situações culmina com algum tipo de repreensão ao/à agressor/a ou qualquer outro tipo de resposta eficaz à situação.

### **Motivos que influenciam os/as observadores/as a atuar em situações de *bullying* e *bullying* homofóbico**

De acordo com Thornberg et al. (2012) a decisão de atuar ou não face ao *bullying* e ao *bullying* homofóbico está sujeita ao modo como os/as observadores/as designam e avaliam a situação e o contexto social em que este ocorre e as suas capacidades para agir. Estes autores definem, ainda, um conjunto de domínios motivacionais que podem levar ou não os/as observadores/as a intervir: 1) a “interpretação do dano na situação de *bullying*”; 2) as “reações emocionais”; 3) a “avaliação social”; 4) a “avaliação moral”; e, 5) a “autoeficácia” (Pereira & Melo, 2017).

Mais especificamente: 1) A interpretação do dano na situação de *bullying* refere-se ao modo como os/as observadores/as percecionam a situação de *bullying*. Aqui os os/as observadores/as pensam que é necessário intervir apenas se a situação de *bullying* causar um dano consideravelmente prejudicial à vítima, se a situação apenas causar danos reduzidos não é necessário qualquer tipo de intervenção (Thornberg et al., 2012); 2) As reações emocionais dizem respeito ao que a situação de *bullying* desperta nos/as observadores/as e que os/as influencia a atuar (ou não) face à situação. Essas reações podem ser o medo de intervir e se tornarem vítimas, a excitação de observarem tais comportamentos ou a empatia em que existe uma capacidade para se colocar no lugar da outra pessoa, compreendendo e experienciando os sentimentos dela (Thornberg et al., 2012, Pereira, 2015); 3) A avaliação social diz respeito à intervenção dos/as observadores/as baseando-se na consideração e avaliação das relações, posições e/ou *status* sociais. Isto é, a decisão de interceder ou não pode ser afetada pela proximidade com a vítima ou com o/a agressor/a. Quanto maior a proximidade com a vítima maior a razão para a ajudar. Assim, a antipatia para com a vítima leva a que

os/as observadores não intercedam (Thornberg et al., 2012); 4) A avaliação moral alude à crença de que o *bullying* não é correto, o que pode influenciar a intervenção dos/das observadores/as face a situações de *bullying*. Dentro deste domínio motivacional estão presentes, também, outros quatro subconstrutos, em que o primeiro se refere a solicitações por parte de uma figura de autoridade, onde os/as observadores/as intercedem porque lhes foi pedido que o fizessem. Os outros três subconstrutos levam à não intervenção dos/as observadores/as, sendo eles: a irresponsabilidade moral, em que o/a observador/a não intervém porque não acredita que seja uma obrigação moral fazê-lo (Thornberg et al., 2012). A avaliação moral onde o/a observador/a não intercede em prol da vítima porque considera que os comportamentos violentos a que está sujeito são culpa sua. E, por fim, o último subconstruto deste domínio motivacional diz respeito à não intervenção dos observadores/as porque assumem que os rumores espalhados pelo/a agressor/a são verdadeiros e ajudam, inclusive, a difundi-los (Thornberg et al., 2012); 5) A autoeficácia é o domínio a partir do qual os/as observadores/as determinam se intervêm ou não tendo em conta o quão credíveis e úteis consideram as suas capacidades para lidar de forma eficaz com este tipo de situações (Thornberg et al., 2012).

Por outro lado, de acordo com António (2019), no que refere concretamente ao *bullying* homofóbico, para além das razões enunciadas anteriormente, um dos principais motivos que influenciam os/as observadores/as a atuar ou não face a essas situações prende-se com o contágio social. Este baseia-se na identificação incorrecta como gay ou lésbica do/a observador/a o que determina as intenções comportamentais assertivas do mesmo em episódios deste tipo de *bullying*. Isto é, a preocupação em ser erroneamente classificado com uma orientação sexual pertencente à minoria diminui a acção de intervenção em situações de *bullying* homofóbico e por consequência uma diminuição de auxílio das vítimas (António, 2019).

### **Objetivo geral do estudo/pertinência do estudo**

O objetivo geral do presente estudo passa por analisar o *bullying* homofóbico nas suas variadas manifestações e os comportamentos/motivos que o despoletam, no Ensino Secundário. Esta investigação terá como foco o grupo com maior prevalência nas situações de *bullying*: os/as observadores/as, tentando assim compreender quais os fatores influenciadores que motivam os variados papéis assumidos, para conseguir prevenir e/ou intervir perante situações de *bullying* e de *bullying* homofóbico (Oh & Hazler, 2009., cit in Pereira & Melo, 2017). Utilizou-se como suporte para a compreensão

dos motivos que influenciam os/as observadores/as a intervir em situações de *bullying* homofóbico, o esquema conceptual construído por Thornberg et al. (2012).

A pertinência deste estudo relaciona-se com o facto de o *bullying* de jovens de grupos minoritários em Portugal ter sido pouco investigado até à data, como é o caso do *bullying* homofóbico e dos/as seus/as intervenientes. De acordo com Carvalhosa et al. (2009, p. 139), “referimo-nos a jovens de grupos minoritários quando designamos aqueles que se identificam com um grupo que não é o grupo maioritário no contexto onde se encontram”, não sendo o fator numérico que os torna uma minoria mas sim, o facto de serem um grupo que se encontra em situação de desvantagem em relação a um outro grupo. Sendo que neste estudo o foco será o *bullying* homofóbico, foram utilizadas duas escalas direccionadas especificamente para o *bullying* e para o *bullying* homofóbico, de modo a comparar ambas as problemáticas, para uma contribuição mais aprofundada desta temática e para obter um melhor conhecimento acerca da mesma.

## **Método**

### **Objetivos específicos/questões de investigação**

Atendendo ao objetivo geral foram formulados os seguintes objetivos específicos que servirão de orientação à presente investigação:

- 1) Existem diferenças nos papéis desempenhados pelos/as observadores/as de *bullying* e *bullying* homofóbico em função do sexo, do tipo de curso que frequentam e do ano de escolaridade?
- 2) Existem diferenças nos motivos que levam os/as observadores/as a atuar em situações de *bullying* e de *bullying* homofóbico, em função do sexo, do curso e ano de escolaridade?
- 3) Existe uma correlação estatisticamente significativa entre os comportamentos e os motivos dos observadores perante uma situação de *bullying* e *bullying* homofóbico?

### **Participantes**

Para a presente investigação, a amostra foi composta por alunos/as que frequentam o Ensino Secundário (10º, 11º e 12º), de uma escola de Évora. Os participantes são tanto dos cursos científico-humanísticos como dos cursos profissionais. Neste sentido, recorreu-se a um método de amostragem não casual, por conveniência (Hill & Hill citado por Santos, 2005).

Foram distribuídos 797 termos de consentimento, posteriormente recolhidos 314 questionários e eliminado 1, por apresentar respostas dadas ao acaso e por ter em falta dados de caracterização. Desta forma, o universo amostral da presente investigação ficou constituído por um total de 313 participantes (N=313), provenientes de uma instituição escolar pública de Évora. Do total de 313 alunos/as que compõe a amostra, 175 (55,9%) são do sexo masculino e 138 (44,1%) do sexo feminino. Desses 313 alunos/as, 106 (33,9%) frequentam o 10.º ano, 101 (32,3%) o 11.º ano e 106 (33,9%) o 12.º ano. Por sua vez, 251 (80,2%) frequentam cursos científico-humanísticos e 62 (19,8%) cursos profissionais. A idade dos participantes varia entre os 15 e os 22 anos, com uma média de 17 anos (M = 17; DP = 1.391). Na Tabela 1 é apresentada a distribuição dos/as participantes por curso, sexo e ano de escolaridade.

**Tabela 1.** *Distribuição dos/as participantes por Tipo de Curso, Sexo e Ano de escolaridade*

Tipo de curso	Sexo		Total
	M	F	
Científico-Humanístico			
10º ano			
n	37	56	93
%	34,9%	52,8%	87,7%
11º ano			
n	42	38	80
%	41,6%	37,6%	79,2%
12º ano			
n	40	38	78
%	37,7%	35,8%	73,6%
Total n	119	132	251
Profissional			
10º ano			
n	9	4	13
%	8,5%	3,8%	12,3%

	11º ano			
	n	19	2	21
	%	18,8%	2,0%	20,8%
	12º ano			
	n	28	0	28
	%	26,4%	0,0%	26,4%
	Total n	56	6	62
Total		175	138	313

### Instrumentos

Para o presente estudo foi elaborado um questionário que continha uma breve introdução sobre a sua finalidade, o seu preenchimento e a sua máxima confidencialidade. Seguidamente, o questionário era composto por algumas questões de caracterização sociodemográfica e continha uma caixa informativa com alguns dados que facilitavam o preenchimento do mesmo. Finalmente, continha duas escalas, a **Escala de Comportamento de Observadores de Bullying – ECOB** (Melo & Pereira, 2017), e a sua **adaptação para o estudo do bullying homofóbico – ECOB BH** e a **Escala de Observação de Manifestações e Motivos do Bullying Homofóbico – EOMMBH** (Correia & Melo, 2017. Versão para investigação).

### Questionário sociodemográfico

Relativamente ao questionário sociodemográfico, este incluiu variáveis como o sexo, idade, ano de escolaridade e o curso que os/as participantes frequentam. O objetivo deste questionário foi recolher dados de natureza sociodemográfica e de caracterização escolar.

### Escala de Comportamento de Observadores de *Bullying* – ECOB e Escala de Comportamento de Observadores de *Bullying* Homofóbico – ECOB BH

A Escala de Comportamento de Observadores de *Bullying* advém de uma tradução e adaptação portuguesa (Melo & Pereira, 2017) da *Student Bystander Behavior Scale* – SBSS (Thornberg & Jungert, 2013), com o intuito de identificar o papel que os/as observadores/as adotam durante as situações de *bullying* (Melo & Pereira, 2017).

A SBSS (Thornberg & Jungert, 2013) é uma escala de 8 itens que se baseia nos quatro papéis do/a observador/a – assistente, reforçador/a, *outsider* e defensor/a – de



Salmivalli et al. (1996). Nesta escala, os/as alunos/as são questionados/as: “Se vires uma ou mais crianças a agredirem outra na escola, como é que tu costumavas reagir quando vês a agressão a acontecer?”. Esta questão é seguida de um conjunto de itens classificados numa Escala de *Likert* de 5 pontos (1 = “nunca”, 2 = “raramente”, 3 = “às vezes”, 4 = “habitualmente”, 5 = “sempre”) (Melo & Pereira, 2017). Os 8 itens distribuem-se por três tipos de comportamento designadamente: o Comportamento Defensor, o Comportamento *Outsider* e o Comportamento *Pro-Bully* que engloba itens que fazem referência ao papel assistente e ao papel reforçador dos/as observadores/as (Melo & Pereira, 2017). Após a sua tradução e adaptação para a língua portuguesa, surgiu assim a Escala de Comportamento de Observadores de Bullying – ECOB (Melo & Pereira, 2017).

Foi utilizada, ainda, a adaptação da ECOB (Melo & Pereira, 2017) para o estudo do *bullying* homofóbico – ECOB BH. Foram mantidos o número de itens da ECOB e a classificação das respostas, feita, também, numa Escala de *Likert* de 5 pontos (1 = “nunca”, 2 = “raramente”, 3 = “às vezes”, 4 = “muitas vezes”, 5 = “sempre ou quase sempre”). No entanto, aqui os/as alunos/as são questionados/as: “Como reages ao *bullying* homofóbico na escola? Se vires um aluno, uma aluna ou vários/as alunos/as a intimidar(em) outro/a aluno/a na escola devido à sua orientação sexual ou por ser percecionado como diferente, como costumavas reagir quando vês essa mesma situação?”.

### **Escala de Observação de Manifestações e Motivos do *Bullying* Homofóbico - EOMMBH**

Esta escala foi construída propositadamente para o presente estudo e visa avaliar as manifestações e motivos que despoletam o *bullying* homofóbico. É uma escala de 30 itens, em que os/as alunos/as questionados/as classificam numa escala de 6 pontos (1 = “discordo completamente”, 2 = “discordo muito”, 3 = “discordo um pouco”, 4 = “concordo um pouco”, 5 = “concordo muito”, 6 = “concordo completamente”) o seu nível de concordância ou discordância com cada um dos itens apresentados. A sua construção teve por base outras escalas já existentes sobre *bullying* homofóbico e observação de *bullying* (Gay, Lesbian, Straight, Education Network – GLSEN – National School Climate Survey (Kosciw & Diaz, 2006) e Escala de Avaliação e Sensibilidade Moral face ao *Bullying* — EASMB (Melo & Pereira, 2017)) e o quadro conceptual das motivações dos/as observadores/as para intervir em situações de *bullying* (Thornberg

et al., 2012).

A primeira escala, *Gay, Lesbian, Straight, Education Network – GLSEN – National School Climate Survey* (Kosciw & Diaz, 2006), é composta por 68 itens que avaliam a consciencialização dos/as questionados/as sobre o *bullying* homofóbico verbal e a sua experiência relativamente ao assédio e à agressão verbal e física na escola. Estes itens estão divididos em 10 secções de perguntas, sendo que cada secção questiona acerca de um tema (e.g., comentários homofóbicos, comentários sexistas, observações racistas relacionadas com a expressão de género dos/as colegas, questões relacionadas com assédio ou agressões relacionados com a orientação sexual, questões relacionadas com o modo como veem e se relacionam com estudantes LGBT, etc). A segunda escala, Escala de Avaliação e Sensibilidade Moral face ao *Bullying* — EASMB (Melo & Pereira, 2017), é composta por 21 itens que pretendem analisar os fatores/razões que influenciam os/as observadores/as a intervir ou não nas situações de *bullying*.

Neste sentido, para a criação dos itens da Escala de Observação de Manifestações e Motivos do *Bullying* Homofóbico – EOMMBH tomou-se como ponto de partida ambas as escalas referidas anteriormente. Foram criados diversos itens que reflectissem melhor a realidade atual das escolas portuguesas e pudessem clarificar os objetivos deste estudo, com base em experiências e pensamentos adoptados perante situações de *bullying* e *bullying* homofóbico. De forma a não tornar a escala exaustiva chegou-se, assim, aos 30 itens que a compõem.

### **Procedimentos de recolha de dados**

Primeiramente, foram formalizados os devidos pedidos de autorização ao Ministério da Educação, à Escola em questão, aos/às Encarregados/as de Educação dos/as alunos/as menores e aos/às próprios/as alunos/as que constituíram a amostra da investigação, de forma a garantir os princípios de natureza ética e deontológica.

Após a resposta positiva do Ministério da Educação, da instituição de ensino colaborante, bem como dos/as Encarregados/as de Educação, deu-se início à distribuição das autorizações e dos termos de consentimento informado. De forma a facilitar este processo e não perturbar o normal funcionamento das aulas, as autorizações e os termos de consentimento informado foram entregues aos diretores de turma de cada uma das turmas participantes. Por sua vez, os questionários foram administrados em aulas previamente combinadas com os/as professores/as das disciplinas, de modo a perturbar o menos possível o normal funcionamento das aulas.

A aplicação dos questionários teve uma duração aproximada de 15 minutos e os dados foram recolhidos durante os 2º e 3º Períodos do ano letivo de 2017/2018.

### **Procedimentos de análise de dados**

Depois da recolha de dados, estes foram analisados e tratados estatisticamente com recurso ao *software* de análise estatística IBM SPSS *Statistics* - versão 23. Primeiramente, começou por se verificar a existência de possíveis erros na base de dados e, posteriormente, foram realizadas as análises descritivas dos instrumentos (ECOB, ECOB BH e EOMMBH), tendo sido utilizadas as medidas adequadas à natureza das variáveis, ou seja, frequências de resposta, média (medida de tendência central), desvio-padrão (medida de dispersão) e os valores mínimos e máximos.

No que diz respeito à análise psicométrica das escalas utilizadas, foram efectuadas análises estatísticas acerca da validade através da utilização do teste de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) e o teste de esfericidade de *Bartlett*. Estes dois testes permitem saber se a aplicação da análise fatorial tem a referida validade para as variáveis que estão a ser estudadas. Foram realizadas, ainda, análises estatísticas acerca da fiabilidade, através da análise da consistência interna, para tal recorreu-se ao *Alfa de Cronbach* (Pallant, 2005; Pereira & Patrício, 2013). Os autores Nunnally e Bernstein (1978) aconselham que o *alfa* tenha um valor mínimo de .70. No entanto, um *alfa* de .60 pode ser considerado aceitável (Marôco & Garcia-Marques, 2006).

A estrutura relacional das pontuações das questões da ECOB, da ECOB de *bullying* homofóbico, bem como da EOMMBH foi avaliada através de uma análise fatorial exploratória de modo a que para cada componente principal, existam somente alguns pesos significativos, para tal realizou-se uma extração de fatores pelo método das componentes principais aliada a uma rotação *varimax* (Marôco, 2011; Pereira & Patrício, 2013). Para tal, de acordo com o critério de *Kaiser* e o critério do *scree-plot* foram retidos os fatores apresentaram um valor próprio superior a 1 (Marôco, 2011).

Para o estudo das análises inferenciais dos resultados alcançados, foram realizados os testes *t-Student* e *ANOVA* que permitem analisar diferenças de médias entre amostras independentes e verificar se tais diferenças são significativas. Esta análise foi efetuada com o propósito de responder às questões de investigação, ou seja, analisar as diferenças entre grupos no que diz respeito ao papel comportamental desempenhado perante atos de *bullying* e de *bullying* homofóbico com base no sexo, tipo de curso frequentado e ano de escolaridade. E, ainda, para compreender os motivos que persuadem o/a observador/a a atuar ou não perante situações de *bullying* e de

*bullying* homofóbico, com base nas variáveis referidas anteriormente (Martins, 2011).

Para finalizar a análise de dados e de modo a calcular a relação entre os próprios fatores de ambas as escalas relacionadas com o *bullying* homofóbico, foi utilizado o coeficiente de correlação de *Pearson* ( $r$ ). Este coeficiente de correlação possibilita a determinação do grau de associação entre duas variáveis e assume valores entre -1 e 1, sendo que -1 significa uma correlação perfeita negativa e 1 uma correlação perfeita positiva, quanto mais próximo de 1 maior o grau dependência e quanto mais próximo de 0 menor o grau de dependência (Filho & Júnior, 2009; Marôco, 2011).

## **Apresentação e análise dos resultados**

### **Análise descritiva da Escala de Comportamento de Observadores de *Bullying***

A análise descritiva das escalas utilizadas é realizada observando a média e o desvio-padrão.

Na tabela 2 estão representados os valores mínimos, valores máximos, média e desvio-padrão da escala Escala de Comportamento de Observadores de *Bullying* (ECOB), avaliados entre 1 a 5 de acordo com uma escala de tipo *Likert*, onde se pode observar que as respostas se distribuíram ao longo dos extremos. Os resultados mostram que os itens 3, 5 e 8 têm as médias de resposta mais alta. Sendo estes itens referentes a comportamentos defensores. Os itens com a média mais baixa são os itens 1, 4 e 7 que por sua vez se referem a comportamentos *pro-bully*.

**Tabela 2.** *Mínimo, máximo, média e desvio-padrão da Escala de Comportamento de Observadores de Bullying (ECOB)*

Itens da ECOB	N	Min	Max	M	DP
1. Eu junto-me e começo a intimidar o/a aluno/a também.	313	1	4	1.20	.54
2. Eu fico a ver porque é divertido e interessante.	313	1	4	1.36	.70
3. Eu afasto-me.	313	1	5	3.17	1.25
4. Eu rio-me e aplaudo os/as bullies.	313	1	4	1.12	.45
5. Eu não faço nada. Fico quieto/a e passivo/a.	313	1	5	2.66	1.25
6. Eu tento parar o/a bully ou bullies.	313	1	5	2.23	1.19
7. Eu tomo o partido dos/as bullies e junto-me à situação de bullying.	313	1	4	1.15	.49
8. Eu digo a um professor ou professora.	313	1	5	2.65	1.33

### **Análise psicométrica da Escala de Comportamento de Observadores de Bullying**

Relativamente à Escala de Comportamento de Observadores de Bullying e através do KMO verificamos que se obteve um valor de .78, assumindo assim um índice de fatorabilidade médio, pelo que podemos concluir que a amostra se adequa mediamente ao estudo. De modo a perceber se as variáveis se correlacionam de forma estatisticamente significativa procedeu-se à realização do teste de esfericidade de *Bartlett*, onde se obteve um *p-value* <0.001, concluindo deste modo a sua correlação significativa (Marôco, 2011).

De acordo com a regra de retenção dos fatores com valor próprio superior a 1 e através da análise fatorial da Escala de Comportamento de Observadores de Bullying (Tabela 3), obtiveram-se 2 fatores explicativos da variância total com um valor de 62.53%. Sendo que o 1º fator explica 43.07% da variância e o 2º fator 19.46%. Para a criação dos fatores foram selecionados somente os itens que saturam mais que .40 num dado fator (Worthington & Whittaker, 2006). Assim, ambos os fatores agrupam 8 itens, sendo que o 1º fator agrupa os itens 7, 1, 4 e 2 que correspondem ao Comportamento Pro-bully e o 2º fator reúne os itens 6, 5, 8 e 3 que dizem respeito ao Comportamento Defensor, tendo sido designados como tal (Melo & Pereira, 2017).

Com o objetivo de avaliar a fiabilidade dos fatores em estudo utilizou-se o *Alfa de Cronbach*. Concluindo-se que o fator Comportamento Pro-Bully obteve uma boa consistência interna ( $\alpha=.90$ ), enquanto que o Comportamento Defensor apresenta um valor inaceitável ( $\alpha=.13$ ). Sendo que os fatores alcançados são compostos por menos de 10 itens, é de esperar que os valores obtidos com o *Alfa de Cronbach* sejam baixos,

tal como aconteceu com o Comportamento Defensor. Deste modo, Pallant (2005) sugere que seja calculada e enunciada a média das correlações inter-item, como outro método para avaliar a consistência interna dos fatores e os autores Briggs e Cheek (1986), recomendam que os valores obtidos com essa correlação estejam entre .2 e .4. Após efectuada a média das correlações inter-item foi obtida uma média de .229 para o Comportamento Defensor, valor esse que está dentro do intervalo sugerido.

**Tabela 3.** *Análise da estrutura fatorial da Escala de Comportamento de Observadores de Bullying (ECOB)*

Itens da ECOB	Fatores	
	1	2
7. Eu tomo o partido dos/as <i>bullies</i> e junto-me à situação de bullying.	<b>.90</b>	.08
1. Eu junto-me e começo a intimidar o/a aluno/a também.	<b>.88</b>	.01
4. Eu rio-me e aplaudo os/as <i>bullies</i> .	<b>.86</b>	.08
2. Eu fico a ver porque é divertido e interessante.	<b>.85</b>	-.04
6. Eu tento parar o/a <i>bully</i> ou <i>bullies</i> .	-.09	<b>.75</b>
5. Eu não faço nada. Fico quieto/a e passivo/a.	-.14	<b>-.70</b>
8. Eu digo a um professor ou professora.	-.45	<b>.50</b>
3. Eu afasto-me.	-.43	<b>-.49</b>
Valores próprios	3.45	1.56
Percentagem de variância explicada	43.07%	19.46%
Média	1.21	2.68
Desvio Padrão	0.48	0.66

### **Análise descritiva da Escala de Comportamento de Observadores de *Bullying* Homofóbico**

Na tabela 4 estão indicados os valores máximo, mínimo, a média e o desvio padrão para os itens da Escala de Comportamento de Observadores de *Bullying* Homofóbico. Estes itens estão avaliados numa escala de tipo *Likert* que pontua entre 1 a 5, onde é observável valores médios mais elevados nos itens 3 e 8, enquanto que os valores médios mais baixos surgem nos itens 1 e 7, fazendo referência a comportamentos defensores e comportamentos pro-*bully*, respetivamente.

**Tabela 4.** *Mínimo, máximo, média e desvio-padrão da Escala de Comportamento de Observadores de Bullying Homofóbico (ECOB BH)*

Itens da ECOB BH	N	Min	Max	M	DP
1. Eu junto-me e começo a intimidar o/a aluno/a também.	313	1	4	1.17	.51
2. Eu fico a ver porque é divertido e interessante.	313	1	4	1.30	.65
3. Eu afasto-me.	313	1	5	3.05	1.33
4. Eu rio-me e aplaudo os/as bullies.	313	1	4	1.12	.42
5. Eu não faço nada. Fico quieto/a e passivo/a.	313	1	5	2.54	1.23
6. Eu tento parar o/a bully ou bullies.	313	1	5	2.25	1.26
7. Eu tomo o partido dos/as bullies e junto-me à situação de bullying.	313	1	4	1.13	.47
8. Eu digo a um/a professor/a ou a um/a funcionário/a.	313	1	5	2.65	1.36

#### **Análise psicométrica da Escala de Comportamento de Observadores de Bullying Homofóbico**

Relativamente à Escala de Comportamento de Observadores de Bullying Homofóbico e através do KMO verificamos que se obteve um valor de .77, assumindo assim um índice de fatorabilidade médio, pelo que se pode concluir que a amostra se adequa mediamente ao estudo. De modo a perceber se as variáveis se correlacionam de forma estatisticamente significativa procedeu-se à realização do teste de esfericidade de Bartlett, onde se obteve um p-value <0.001, concluindo deste modo a sua correlação significativa (Marôco, 2011), tal como ocorrido para a ECOB.

De acordo com a regra de retenção dos fatores com valor próprio superior a 1 e através da análise fatorial da Escala de Comportamento de Observadores de Bullying Homofóbico (Tabela 5), obtiveram-se 2 fatores explicativos da variância total com um valor de 62.08%. Sendo que o 1º fator explica 41.08% da variância e o 2º fator 21.00%. Para a criação dos fatores foram selecionados somente os itens que saturam mais que .40 num dado fator (Worthington & Whittaker, 2006). Assim, ambos os fatores agrupam 8 itens, sendo que o 1º fator agrupa os itens 7, 1, 2 e 4 que correspondem ao Comportamento Pro-bully e o 2º fator reúne os itens 8, 6, 5 e 3 que dizem respeito ao Comportamento Defensor, tendo sido designados como tal (Melo & Pereira, 2017).

Com o objetivo de avaliar a fiabilidade dos fatores em estudo realizou-se o Alfa de Cronbach. Concluindo-se que o fator Comportamento Pro-Bully obteve uma boa consistência interna ( $\alpha=.89$ ), enquanto que o Comportamento Defensor apresenta um valor inaceitável ( $\alpha=.09$ ). Sendo que os fatores alcançados são compostos por menos

de 10 itens, é de esperar que os valores obtidos com o Alfa de Cronbach sejam baixos, tal como aconteceu com o Comportamento Defensor. Deste modo, Pallant (2005) sugere que seja calculada e enunciada a média das correlações inter-item, como outro método para avaliar a consistência interna dos fatores e os autores Briggs e Cheek (1986), recomendam que os valores obtidos com essa correlação estejam entre .2 e .4. Após efectuada a média das correlações inter-item foi obtida uma média de .248 para o Comportamento Defensor, valor esse que está dentro do intervalo sugerido.

Em suma, as conclusões retiradas tanto para o índice de fatorabilidade como para a significância da correlação e, ainda, para os itens agrupados em cada fator são iguais na ECOB e na ECOB BH.

**Tabela 5.** *Análise da estrutura fatorial da Escala de Comportamento de Observadores de Bullying Homofóbico (ECOB BH)*

Itens da ECOB BH	Fatores	
	1	2
7. Eu tomo o partido dos/as <i>bullies</i> e junto-me à situação de bullying.	<b>.87</b>	.13
1. Eu junto-me e começo a intimidar o/a aluno/a também.	<b>.86</b>	-.01
2. Eu fico a ver porque é divertido e interessante.	<b>.86</b>	-.02
4. Eu rio-me e aplaudo os/as <i>bullies</i> .	<b>.85</b>	.14
8. Eu digo a um/a professor/a ou a um/a funcionário/a.	-.44	<b>.41</b>
6. Eu tento parar o/a <i>bully</i> ou <i>bullies</i> .	-.16	<b>.77</b>
5. Eu não faço nada. Fico quieto/a e passivo/a.	-.11	<b>-.71</b>
3. Eu afasto-me.	-.30	<b>-.62</b>
Valores próprios	3.29	1.69
Percentagem de variância explicada	41.08%	21.00%
Média	1.18	2.62
Desvio Padrão	0.45	0.67

### **Análise descritiva da Escala de Observação de Manifestações e Motivos do Bullying Homofóbico**

Ao analisar a seguinte tabela (Tabela 6), verifica-se que as respostas dos participantes pontuam e são avaliadas numa escala tipo *Likert* com valores entre 1 a 6. Para a Escala de Observação de Manifestações e Motivos do *Bullying* Homofóbico os itens com médias mais elevadas são o 16, 23, 25 e 27. Destes quatro itens, o 16 e o 27



fazem referência ao conceito de sensibilidade moral básica, que se relaciona com a empatia sentida para com a(s) vítima(s), enquanto que os itens 23 e 25 se referem à Autoeficácia. Os valores médios mais baixos dizem respeito aos itens 3, 4, 12, 18 e 21, sendo que os itens 3, 4, 12 e 21 estão relacionados com a Falta de Sensibilidade Moral Básica e o item 18 a comportamentos de Desresponsabilização.

Para uma melhor compreensão dos resultados a escala referida foi dividida em itens referentes ao *bullying* homofóbico (itens 1, 3, 4, 6, 9, 12, 14, 15, 17, 18, 20, 22, 23 e 27) e ao *bullying* (itens 2, 5, 7, 8, 10, 11, 13, 16, 19, 21, 24, 25, 26, 28, 29 e 30), sendo que estes itens e respetivos dados foram analisados separadamente para que possa haver uma comparação entre ambos.

**Tabela 6.** *Mínimo, máximo, média e desvio-padrão da Escala de Observação de Manifestações e Motivos do Bullying Homofóbico (EOMMBH)*

Itens da EOMMBH referentes ao <i>bullying</i> homofóbico	N	Min	Max	M	DP
1. Quando vejo uma situação de bullying homofóbico o melhor é não fazer nada, para não sofrer consequências.	312	1	6	2.48	1.47
3. Não há problema em fazer mal a uma pessoa que seja gay/lésbica assumido/a.	313	1	6	1.26	.78
4. As pessoas com uma orientação sexual homossexual merecem ser sujeitas a bullying.	313	1	6	1.19	.65
6. Quando um amigo meu ou amiga minha chama “paneleiro” a outro colega eu acho graça.	313	1	6	2.06	1.41
9. Quando ouço dizerem mal de uma pessoa homossexual não digo nem faço nada porque tenho medo que façam o mesmo.	313	1	6	2.04	1.35
12. O bullying justifica-se quando a pessoa é gay ou lésbica.	312	1	5	1.17	.56
14. Hesitaria em apoiar pessoas homossexuais com medo de ser confundido/a com elas.	313	1	6	1.64	1.22
15. Quando vejo uma situação de bullying homofóbico não faço nada pois não é nada comigo.	312	1	6	2.59	1.59
17. Até é engraçado assistir a uma situação de bullying quando a vítima é um “maricas”.	313	1	6	1.44	1.10
18. As vítimas de bullying homofóbico só se podem culpar a si próprias.	313	1	6	1.27	.77
20. Uma coisa boa do bullying homofóbico é que os gays e as lésbicas aprendem como se comportar e como não se comportar para serem aceites pelas outras pessoas.	313	1	6	1.32	.84

22. Chamar “bicha” ou “fufa” aos/às colegas é tão vulgar que nem vale a pena fazer nada.	313	1	5	2.01	1.51
23. Se eu vir uma situação de bullying homofóbico tenho a certeza de que seria capaz de a parar.	313	1	6	3.19	1.61
27. Sinto-me mal pelas pessoas que são gozadas por serem homossexuais.	313	1	6	4.93	1.50
Itens da EOMMBH referentes ao <i>bullying</i>	N	Min	Max	M	DP
2. Uma coisa boa do bullying é que a vítima aprende como se comportar e como não se comportar, para ser aceite pelas outras pessoas.	312	1	6	1.38	.90
5. Quando um amigo meu ou amiga minha goza com alguém, eu também gozo.	313	1	6	1.77	1.20
7. O bullying justifica-se em certos casos.	312	1	6	1.32	.81
8. Só acho necessário intervir e ajudar numa situação de bullying se essa situação parecer realmente perigosa.	311	1	6	2.92	1.73
10. Até é engraçado assistir a uma situação de bullying quando a vítima é um “totó”.	312	1	6	1.45	1.10
11. Quando vejo uma situação de bullying não faço nada pois não é nada comigo.	312	1	6	2.65	1.60
13. Chamar nomes aos/às colegas é tão vulgar que nem vale a pena fazer nada.	312	1	6	2.53	1.69
16. O bullying prejudica a vítima durante muito tempo.	313	1	6	5.49	1.03
19. Quando ouço dizerem mal de alguém não digo nem faço nada porque tenho medo que me façam o mesmo.	313	1	6	2.21	1.43
21. Algumas pessoas merecem ser sujeitas a bullying.	311	1	6	1.29	.83
24. Não há problema fazer mal a alguém de quem não gosto.	313	1	6	1.53	1.12
25. Tenho confiança na minha capacidade para intervir em situações de bullying e ajudar a vítima.	313	1	6	3.26	1.60
26. Quando o/a agressor/a é alguém visto como “fixe” pelos/as colegas, eu não ajudo a vítima.	313	1	6	1.61	1.20
28. Quando vejo uma situação de bullying o melhor é não fazer nada, para não sofrer consequências.	313	1	6	2.36	1.54
29. Se alguém do meu grupo faz mal aos/às colegas, eu tenho de fazer o mesmo.	312	1	6	1.56	1.18
30. As vítimas de bullying só se podem culpar a si próprias.	313	1	6	1.31	.93

## **Análise psicométrica da Escala de Observação de Manifestações e Motivos do Bullying Homofóbico**

Relativamente à Escala de Observação de Manifestações e Motivos do *Bullying* Homofóbico, para os itens referentes ao *bullying* homofóbico, e através do KMO verificamos que se obteve um valor de .84, assumindo assim um bom índice de fatorabilidade, pelo que se pode concluir que a amostra é adequada ao estudo. De modo a perceber se as variáveis se correlacionam de forma estatisticamente significativa procedeu-se à realização do teste de esfericidade de Bartlett, onde se obteve um  $p$ -value  $<0.001$ , concluindo deste modo a sua correlação significativa (Marôco, 2011).

De acordo com a regra de retenção dos fatores com valor próprio superior a 1 e através da análise fatorial da Escala de Observação de Manifestações e Motivos do *Bullying* Homofóbico (Tabela 7), obtiveram-se 3 fatores explicativos da variância total com um valor de 59.70%. Sendo que o 1º fator explica 25.70% da variância, o 2º fator 17.73% e o 3º fator 16.30%. Para a criação dos fatores foram selecionados somente os itens que saturam mais que .40 num dado fator (Worthington & Whittaker, 2006). Assim, o 1º fator agrupa os itens 20, 3, 12, 4, 18 e 27 que correspondem ao Desengajamento Moral e Desresponsabilização, o 2º fator reúne os itens 1, 9, 15, 14 e 23 que dizem respeito ao Afastamento da Situação de *Bullying* e Autoeficácia, e por fim, o 3º fator que engloba os itens 22, 6 e 17 que correspondem à Falta de Sensibilidade Moral Básica.

Com o objetivo de avaliar a fiabilidade dos fatores em estudo utilizou-se o Alfa de Cronbach, em que os valores para cada um dos fatores foram: Desengajamento Moral e Desresponsabilização ( $\alpha=.31$ ), Afastamento da Situação de *Bullying* e Autoeficácia ( $\alpha=.45$ ) e Falta de Sensibilidade Moral Básica ( $\alpha=.84$ ). O fator Falta de Sensibilidade Moral Básica que obteve um valor de *alfa* superior a .70 está dentro do valor recomendado e os restantes não, sendo que têm um valor inferior a .70 (Nunnally e Bernstein, 1978) e são compostos por menos de 10 itens, é de esperar que os valores obtidos com o *Alfa* de Cronbach sejam baixos, tal como aconteceu com o fator Desengajamento Moral e Desresponsabilização e o fator Afastamento da Situação de *Bullying* e Autoeficácia. Deste modo, Pallant (2005) sugere que seja calculada e enunciada a média das correlações inter-item, como outro método para avaliar a consistência interna dos fatores e os autores Briggs e Cheek (1986), recomendam, ainda, que os valores obtidos com essa correlação estejam entre .2 e .4. Após efetuada a média das correlações inter-item foi obtida uma média de .438 para o fator Desengajamento Moral e Desresponsabilização e de .350 para o fator Afastamento da Situação de *Bullying* e Autoeficácia, este último que está dentro do intervalo sugerido.

Quanto à natureza semântica dos itens associados a cada fator, o primeiro fator corresponde a motivos relacionados com o Desengajamento Moral e com a Desresponsabilização, ou seja, é composto por itens que dizem respeito a alguns dos mecanismos de desengajamento moral de Bandura que aprovam comportamentos atrozos sem que sintam arrependimento por isso. O segundo fator prende-se com motivos relacionados com o receio pelas consequências da intervenção, por reduzidos níveis de autoeficácia, ou por não se quererem envolver na situação dado que não estão implicados/as diretamente na mesma, ou seja, Afastamento da Situação de *Bullying* e, também, com a Autoeficácia. Por fim, o terceiro fator diz respeito à Falta de Sensibilidade Moral Básica, isto é, uma escassa sensibilidade para reconhecer as consequências prejudiciais do *bullying* e simpatizar com as vítimas (Melo & Pereira, 2017).

**Tabela 7.** *Análise da estrutura fatorial da Escala de Observação de Manifestações e Motivos do Bullying Homofóbico (EOMMBH) – Itens referentes ao bullying homofóbico*

Itens da EOMMBH	Fatores		
	1	2	3
20. Uma coisa boa do bullying homofóbico é que os gays e as lésbicas aprendem como se comportar e como não se comportar para serem aceites pelas outras pessoas.	<b>.81</b>	-.06	.20
3. Não há problema em fazer mal a uma pessoa que seja gay/lésbica assumido/a.	<b>.75</b>	.08	.20
12. O bullying justifica-se quando a pessoa é gay ou lésbica.	<b>.75</b>	.05	.27
4. As pessoas com uma orientação sexual homossexual merecem ser sujeitas a bullying.	<b>.73</b>	-.05	.15
18. As vítimas de bullying homofóbico só se podem culpar a si próprias.	<b>.62</b>	.09	.16
27. Sinto-me mal pelas pessoas que são gozadas por serem homossexuais.	<b>.55</b>	-.09	-.07
1. Quando vejo uma situação de bullying homofóbico o melhor é não fazer nada, para não sofrer consequências.	-.07	<b>.77</b>	.10
9. Quando ouço dizerem mal de uma pessoa homossexual não digo nem faço nada porque tenho medo que façam o mesmo.	.03	<b>.76</b>	-.07
15. Quando vejo uma situação de bullying homofóbico não faço nada pois não é nada comigo.	-.01	<b>.68</b>	.43

14. Hesitaria em apoiar pessoas homossexuais com medo de ser confundido/a com elas.	.25	<b>.66</b>	.25
23. Se eu vir uma situação de bullying homofóbico tenho a certeza de que seria capaz de a parar.	-.06	<b>.57</b>	.48
22. Chamar “bicha” ou “fufa” aos/às colegas é tão vulgar que nem vale a pena fazer nada.	.40	.16	<b>.79</b>
6. Quando um amigo meu ou amiga minha chama “peneleiro” a outro colega eu acho graça.	.37	.11	<b>.71</b>
17. Até é engraçado assistir a uma situação de bullying quando a vítima é um “maricas”.	.48	.14	<b>.68</b>
Valores próprios	3.60	2.48	2.28
Percentagem de variância explicada	25.70%	17.73%	16.30%
Média	1.90	2.39	1.84
Desvio Padrão	0.43	0.81	1.18

Relativamente à Escala de Observação de Manifestações e Motivos do *Bullying* Homofóbico, para os itens referentes ao *bullying*, e através do KMO verificamos que se obteve um valor de .88, assumindo assim um bom índice de fatorabilidade, pelo que se pode concluir que a amostra é adequada ao estudo. De modo a perceber se as variáveis se correlacionam de forma estatisticamente significativa procedeu-se à realização do teste de esfericidade de Bartlett, onde se obteve um p-value <0.001, concluindo deste modo a sua correlação significativa (Marôco, 2011).

De acordo com a regra de retenção dos fatores com valor próprio superior a 1 e através da análise fatorial da Escala de Observação de Manifestações e Motivos do *Bullying* Homofóbico (Tabela 8), obtiveram-se 3 fatores explicativos da variância total com um valor de 63.00%. Sendo que o 1º fator explica 24.05% da variância, o 2º fator 23.40% e o 3º fator 15.55%. Para a criação dos fatores foram selecionados somente os itens que saturam mais que .40 num dado fator (Worthington & Whittaker, 2006). Assim, o 1º fator agrupa os itens 7, 21, 2, 30, 24 e 16 que correspondem ao Desengajamento Moral e Desresponsabilização, o 2º fator reúne os itens 13, 8, 29, 5, 10, 26 e 11 que dizem respeito à Falta de Sensibilidade Moral Básica. E, por fim, o 3º fator que engloba os itens 28, 19, 25 e 11 que correspondem ao Afastamento da Situação de *Bullying* e Autoeficácia. Como se pode verificar, o item 11 tem um peso fatorial acima de .40 tanto no 2º fator como no 3º. Apesar de ocorrer com alguma frequência, não é o mais indicado visto que cada item deve saturar somente um fator (Leech, Barret & Morgan, 2005), no entanto, este foi incluído em ambos os fatores referidos devido ao seu alto peso fatorial.

Com o objetivo de avaliar a fiabilidade dos fatores em estudo utilizou-se o *Alfa* de Cronbach, em que os valores para cada um dos fatores foram: Desengajamento Moral e Desresponsabilização ( $\alpha=.86$ ), Falta de Sensibilidade Moral Básica ( $\alpha=.87$ ) e Afastamento da Situação de *Bullying* e Autoeficácia ( $\alpha=.32$ ). O fator Desengajamento Moral e Desresponsabilização e o fator Falta de Sensibilidade Moral Básica obtiveram valores de *alfa* superior a .70 que estão dentro do valor recomendado e o restante fator não, sendo que tem um valor inferior a .70 (Nunnally e Bernstein, 1978) e é composto por menos de 10 itens, é de esperar que o valor obtido com o *Alfa* de Cronbach seja baixo, tal como aconteceu com o fator Afastamento da Situação de *Bullying* e Autoeficácia. Deste modo, Pallant (2005) sugere que seja calculada e enunciada a média das correlações inter-item, como outro método para avaliar a consistência interna dos fatores e os autores Briggs e Cheek (1986), recomendam, ainda, que os valores obtidos com essa correlação estejam entre .2 e .4. Após efetuada a média das correlações inter-item foi obtida uma média de .490, valor que está marginalmente fora do recomendado e referido anteriormente.

Como referido anteriormente, tendo em conta a natureza semântica dos itens que compõem cada fator, o primeiro fator corresponde a motivos relacionados com o Desengajamento Moral e com a Desresponsabilização. O segundo fator diz respeito à Falta de Sensibilidade Moral Básica. E, finalmente, o terceiro fator corresponde a motivos relacionados com o Afastamento da Situação de *Bullying* e com a Autoeficácia.

**Tabela 8.** *Análise da estrutura fatorial da Escala de Observação de Manifestações e Motivos do Bullying Homofóbico (EOMMBH) – Itens referentes ao bullying*

Itens da EOMMBH	Fatores		
	1	2	3
7. O bullying justifica-se em certos casos.	<b>.82</b>	.27	.06
21. Algumas pessoas merecem ser sujeitas a bullying.	<b>.75</b>	.21	.01
2. Uma coisa boa do bullying é que a vítima aprende como se comportar e como não se comportar, para ser aceite pelas outras pessoas.	<b>.74</b>	.27	-.02
30. As vítimas de bullying só se podem culpar a si próprias.	<b>.72</b>	.19	.02
24. Não há problema fazer mal a alguém de quem não gosto.	<b>.66</b>	.38	.05
16. O bullying prejudica a vítima durante muito tempo.	<b>.46</b>	.00	.04
13. Chamar nomes aos/às colegas é tão vulgar que nem vale a pena fazer nada.	.26	<b>.78</b>	-.10

8. Só acho necessário intervir e ajudar numa situação de bullying se essa situação parecer realmente perigosa.	.02	<b>.74</b>	.11
29. Se alguém do meu grupo faz mal aos/às colegas, eu tenho de fazer o mesmo.	.42	<b>.74</b>	.05
5. Quando um amigo meu ou amiga minha goza com alguém, eu também gozo.	.44	<b>.70</b>	-.00
10. Até é engraçado assistir a uma situação de bullying quando a vítima é um “totó”.	.47	<b>.67</b>	.03
26. Quando o/a agressor/a é alguém visto como “fixe” pelos/as colegas, eu não ajudo a vítima.	.47	<b>.62</b>	.18
28. Quando vejo uma situação de bullying o melhor é não fazer nada, para não sofrer consequências.	.01	.16	<b>.89</b>
19. Quando ouço dizerem mal de alguém não digo nem faço nada porque tenho medo que me façam o mesmo.	-.01	.07	<b>.88</b>
25. Tenho confiança na minha capacidade para intervir em situações de bullying e ajudar a vítima.	-.09	.24	<b>.70</b>
11. Quando vejo uma situação de bullying não faço nada pois não é nada comigo.	-.09	<b>.52</b>	<b>.62</b>
Valores próprios	3.85	3.75	2.49
Percentagem de variância explicada	24.05%	23.40%	15.55%
Média	1.37	2.10	2.62
Desvio Padrão	0.74	1.03	0.90

### **Estudo dos fatores das escalas em estudo (ECOB, ECOB BH e EOMMBH) em função das variáveis sociodemográficas**

#### **Diferenças nos papéis desempenhados pelos/as observadores/as de bullying e bullying homofóbico em função do sexo**

No que diz respeito ao *bullying* e como se pode verificar na Tabela 9 os inquiridos do sexo masculino e do sexo feminino apresentam diferenças estatisticamente significativas tanto no Comportamento Pro-Bully ( $t = 3.14$ ,  $p = .002$ ) como no Comportamento Defensor ( $t = 2.34$ ,  $p = .020$ ). Mais especificamente, quando comparados os rapazes apresentam mais comportamentos pro-bully, ao contrário das raparigas que revelam mais comportamentos defensores.

**Tabela 9.** Médias e desvios padrão dos fatores da Escala de Comportamento de Observadores de Bullying (ECOB) em função do sexo (teste  $t$ )

Fatores	Sexo		t	p
	Masculino	Feminino		
	(n = 175) Média (DP)	(n = 138) Média (DP)		
Comportamento Pro-Bully	1.28 (0.52)	1.12 (0.41)	3.14	.002
Comportamento Defensor	2.60 (0.70)	2.78 (0.61)	2.34	.020

No que diz respeito ao *bullying* homofóbico, conforme apresentado na Tabela 10 e tal como aconteceu em relação ao *bullying*, quando comparados os rapazes apresentam mais Comportamentos Pro-Bully ( $t = 2.68$ ,  $p = .008$ ), ao contrário das raparigas que revelam mais Comportamentos Defensores ( $t = 2.14$ ,  $p = .003$ ), diferenças estas que também são estatisticamente significativas.

**Tabela 10.** Médias e desvios padrão dos fatores da Escala de Comportamento de Observadores de Bullying (ECOB BH) em função do sexo (teste t)

Fatores	Sexo		t	p
	Masculino	Feminino		
	(n = 175) Média (DP)	(n = 138) Média (DP)		
Comportamento Pro-Bully	1.24 (0.48)	1.11 (0.39)	2.68	.008
Comportamento Defensor	2.60 (0.72)	2.72 (0.60)	2.14	.033

#### **Diferenças nos papéis desempenhados pelos/as observadores/as de bullying e bullying homofóbico em função do curso frequentado**

No que diz respeito ao *bullying* e como se pode verificar na tabela 11, existem diferenças estatisticamente significativas entre os/as alunos/as dos cursos profissionais e os/as alunos/as dos cursos científico-humanísticos ao nível do Pro-Bully ( $t = 2.32$ ,  $p = .024$ ). De acordo com tais resultados, os/as alunos/as dos cursos profissionais relatam mais Comportamentos Pro-Bully do que os/as alunos/as dos cursos científico-humanísticos. Em relação ao Comportamento Defensor, não existem diferenças estatisticamente significativas entre os/as participantes dos cursos profissionais e os/as participantes dos cursos científico-humanísticos.

**Tabela 11.** Médias e desvios padrão dos fatores da Escala de Comportamento de



*Observadores de Bullying (ECOB) em função do tipo de curso frequentado (teste t)*

Fatores	Tipo de curso frequentado		t	p
	Profissional (n = 175) Média (DP)	Científico-Humanístico (n = 138) Média (DP)		
Comportamento Pro-Bully	1.38 (0.70)	1.17 (0.41)	2.32	0.024
Comportamento Defensor	2.75 (0.71)	2.66 (.065)	0.91	0.362

No que diz respeito ao *bullying* homofóbico e de acordo com os resultados apresentados na tabela 12, existem diferenças estatisticamente significativas entre os/as alunos/as dos cursos profissionais e os/as alunos/as dos cursos científico-humanísticos ao nível do Pro-Bully ( $t = 1.82$ ,  $p = .073$ ). De acordo com tais resultados, os/as alunos/as dos cursos profissionais relatam mais Comportamentos Pro-Bully do que os/as alunos/as dos cursos científico-humanísticos. Em relação ao Comportamento Defensor, são também os/as participantes dos cursos profissionais a descrever mais Comportamentos Defensores do que os/as participantes dos cursos científico-humanísticos.

**Tabela 12.** Médias e desvios padrão dos fatores da Escala de Comportamento de Observadores de Bullying Homofóbico (ECOB BH) em relação ao tipo de curso frequentado (teste t)

Fatores	Tipo de curso frequentado		t	p
	Profissional (n = 175) Média (DP)	Científico-Humanístico (n = 138) Média (DP)		
Comportamento Pro-Bully	1.30 (0.63)	1.15 (0.39)	1.82	0.073
Comportamento Defensor	2.70 (0.82)	2.61 (0.63)	0.53	0.594

**Diferenças nos papéis desempenhados pelos/as observadores/as de bullying e bullying homofóbico em função do ano de escolaridade**

Em relação ao *bullying* e de acordo com os resultados apresentados na tabela 13, não existem diferenças estatisticamente significativas entre as médias dos/as alunos/as dos diferentes anos escolares nem a nível de Comportamento Defensor nem a nível de Comportamento Pro-*bully*.

**Tabela 13.** Médias e desvios padrão dos fatores da Escala de Comportamento de Observadores de Bullying (ECOB) em função do ano de escolaridade (ANOVA)

Fatores	Ano de escolaridade	N	Média (DP)	P	F
Comportamento Pro- <i>Bully</i>	10º ano	106	1.17 (0.43)	0.620	0.48
	11º ano	101	1.24 (0.55)		
	12º ano	106	1.22 (0.62)		
Comportamento Defensor	10º ano	106	2.71 (0.62)	0.064	2.78
	11º ano	101	2.56 (0.71)		
	12º ano	106	2.77 (0.64)		

Em relação ao *bullying* homofóbico e de acordo com os resultados apresentados na Tabela 14, não existem diferenças estatisticamente significativas entre as médias dos/as alunos/as dos diferentes anos escolares nem a nível de Comportamento Defensor nem a nível de Comportamento Pro-*bully*.

**Tabela 14.** Médias e desvios padrão dos fatores da Escala de Comportamento de Observadores de Bullying Homofóbico (ECOB BH) em função do ano de escolaridade (ANOVA)

Fatores	Ano de escolaridade	N	Média (DP)	P	F
Comportamento Pro- <i>Bully</i>	10º ano	106	1.15 (0.40)	0.658	0.42
	11º ano	101	1.21 (0.53)		
	12º ano	106	1.79 (0.41)		
Comportamento Defensor	10º ano	106	2.64 (0.60)	0.417	0.88
	11º ano	101	2.55 (0.72)		
	12º ano	106	2.67 (0.70)		

**Diferenças nos motivos que influenciam os/as observadores/as a atuar em situações de bullying e de bullying homofóbico, em função do sexo**

Foram excluídos 11 indivíduos, com 20 anos ou mais, por corresponderem a *outliers* e representarem uma percentagem muito pequena da amostra desta escala.

No que diz respeito ao *bullying* e conforme apresentado na tabela 15, existem diferenças estatisticamente significativas entre participantes do sexo masculino e participantes do sexo feminino no que diz respeito aos fatores Desengajamento Moral e Desresponsabilização ( $t = 2.35, p = .023$ ) e Falta de Sensibilidade Moral Básica ( $t = 4.04, p = .000$ ). Assim sendo, em comparação com as raparigas, os rapazes parecem não intervir porque não acreditam que seja da sua responsabilidade moral intervir. Relatam, também, uma maior insensibilidade para reconhecer os efeitos prejudiciais do *bullying* e simpatizar com as vítimas. Em relação ao fator Afastamento da Situação de *Bullying* e Autoeficácia, não existem diferenças estatisticamente significativas entre participantes do sexo masculino e participantes do sexo feminino.

**Tabela 15.** Médias e desvios padrão dos fatores da Escala de Observação de Manifestações e Motivos do Bullying Homofóbico (EOMMBH) referentes ao bullying em função do sexo (teste *t*)

Fatores	Sexo	N	Média (DP)	<i>t</i>	<i>p</i>
Desengajamento Moral e Desresponsabilização	Masculino	161	2.12 (0.66)	2.35	0.23
	Feminino	137	1.97 (0.50)		
Falta de Sensibilidade Moral Básica	Masculino	162	2.20 (1.11)	4.04	<0.001
	Feminino	135	1.80 (0.96)		
Afastamento da Situação de <i>Bullying</i> e Autoeficácia	Masculino	164	2.70 (0.91)	1.53	0.128
	Feminino	137	2.54 (0.90)		

No que diz respeito ao *bullying* homofóbico e conforme apresentado na tabela 16, existem diferenças estatisticamente significativas entre participantes do sexo masculino e participantes do sexo feminino no que diz respeito aos fatores Afastamento

da Situação de *Bullying* e Autoeficácia ( $t = 2.31, p = .021$ ) e Falta de Sensibilidade Moral Básica ( $t = 4.74, p = .000$ ). Assim, em comparação com as raparigas, os rapazes parecem descrever uma maior insensibilidade para reconhecer as consequências prejudiciais do *bullying* homofóbico e simpatizar com as vítimas. Em relação ao fator Desengajamento Moral e Desresponsabilização, não existem diferenças estatisticamente significativas entre participantes do sexo masculino e participantes do sexo feminino.

**Tabela 16.** Médias e desvios padrão dos fatores da Escala de Observação de Manifestações e Motivos do Bullying Homofóbico (EOMMBH) referentes ao bullying homofóbico em função do sexo (teste *t*)

Fatores	Sexo	N	Média (DP)	t	p
Desengajamento Moral e Desresponsabilização	Masculino	163	1.89 (0.47)	1.65	0.100
	Feminino	138	1.81 (0.37)		
Afastamento da Situação de <i>Bullying</i> e Autoeficácia	Masculino	164	2.48 (0.88)	2.31	0.021
	Feminino	137	2.27 (0.72)		
Falta de Sensibilidade Moral Básica	Masculino	164	2.11 (1.25)	4.74	<0.001
	Feminino	138	1.50 (0.97)		

#### **Diferenças nos motivos que levam os/as observadores/as a atuar em situações de bullying e de bullying homofóbico em função do curso**

No que diz respeito ao *bullying* e como verificável na tabela 17, existem diferenças estatisticamente significativas entre participantes do curso Profissional e participantes do curso Científico-Humanístico no que diz respeito à Falta de Sensibilidade Moral Básica ( $t = 2.95, p = .003$ ) e ao Afastamento da Situação de *Bullying* e Autoeficácia ( $t = 2.97, p = .003$ ). Assim, em comparação com os Científico-Humanístico, os Profissionais parecem descrever uma maior insensibilidade para identificar as consequências prejudiciais do *bullying* e simpatizar com as vítimas. Em relação ao fator Desengajamento Moral e Desresponsabilização, não existem

diferenças estatisticamente significativas entre participantes do curso Profissional e participantes do curso Científico-Humanístico.

**Tabela 17.** Médias e desvios padrão dos fatores da Escala de Observação de Manifestações e Motivos do Bullying Homofóbico (EOMMBH) referentes ao bullying em função do curso (teste *t*)

Fatores	Tipo de curso		t	p
	Científico-Humanístico (n = 242) Média (DP)	Profissional (n =56) Média (DP)		
Desengajamento Moral e Desresponsabilização	2.03 (0.56)	2.13 (0.66)	1.27	0.204
Falta de Sensibilidade Moral Básica	1.89 (1.04)	2.13 (0.66)	2.95	0.003
Afastamento da Situação de Bullying e Autoeficácia	2.55 (0.85)	2.93 (1.00)	2.97	0.003

No que diz respeito ao *bullying* homofóbico e como se pode verificar na tabela 18, existem diferenças estatisticamente significativas entre participantes do curso Profissional e participantes do curso Científico-Humanístico no que diz respeito à Falta de Sensibilidade Moral Básica ( $t = 2.72$ ,  $p = .007$ ) e ao Afastamento da Situação de *Bullying* e Autoeficácia ( $t = 3.44$ ,  $p = .000$ ). Assim, em comparação com os Científico-Humanístico, os Profissionais parecem relatar uma maior insensibilidade para identificar as consequências prejudiciais do *bullying* homofóbico e simpatizar com as vítimas. Em relação ao fator Desengajamento Moral e Desresponsabilização, não existem diferenças estatisticamente significativas entre participantes do curso Profissional e participantes do curso Científico-Humanístico.

**Tabela 18.** Médias e desvios padrão dos fatores da Escala de Observação de Manifestações e Motivos do Bullying Homofóbico (EOMMBH) referentes ao bullying homofóbico em função do curso (teste t)

Fatores	Tipo de curso		t	p
	Científico-Humanístico (n = 244) Média (DP)	Profissional (n =57) Média (DP)		
Desengajamento Moral e Desresponsabilização	1.84 (0.40)	1.94 (0.51)	1.50	0.119
Falta de Sensibilidade Moral Básica	2.33 (0.78)	1.94 (0.51)	2.72	0.007
Afastamento da Situação de Bullying e Autoeficácia	1.71 (1.12)	2.33 (1.24)	3.44	0.000

**Diferenças nos motivos que levam os/as observadores/as a atuar em situações de bullying e de bullying homofóbico em função do ano escolar**

No que diz respeito ao *bullying* e de acordo com os resultados apresentados na Tabela 19, existem diferenças estatisticamente significativas entre as médias dos/as alunos/as dos diferentes anos escolares (10º ano, 11º ano e 12º ano) ao nível do fator Afastamento da Situação de *Bullying* e Autoeficácia,  $F = 1.03$ ,  $p < .001$ . Relativamente ao fator supracitado anteriormente, e como verificado através do teste de *Levene*, as variâncias não são iguais. Assim, de acordo com o Teste *Post-Hoc Games-Howell*, as diferenças detetadas dizem respeito a diferenças estatisticamente significativas entre os/as alunos/as do 10º ano e os/as alunos/as do 12º ano ( $p = .034$ ). De acordo com estes resultados, os/as alunos/as do 10º ano são aqueles que descrevem empregar mais estratégias de afastamento das situações de *bullying* e de autoeficácia.

**Tabela 19.** Médias e desvios padrão dos fatores da Escala de Observação de Manifestações e Motivos do Bullying Homofóbico (EOMMBH) referentes ao bullying em função do ano escolar (ANOVA)

Fatores	Ano Escolar	N	Média (DP)	$p$	$F$
Desengajamento	10º ano	105	2.10 (0.64)	0.299	1.21
Moral e	11º ano	99	2.06 (0.54)		
Desresponsabilização	12º ano	94	1.97 (0.54)		
Falta de Sensibilidade	10º ano	104	2.04 (1.05)	0.009	4.80
Moral Básica	11º ano	99	2.16 (1.27)		
	12º ano	94	1.71 (0.80)		
Afastamento da	10º ano	106	2.67 (0.82)	0.357	1.03
Situação de <i>Bullying</i> e	11º ano	100	2.68 (1.07)		
Autoeficácia	12º ano	95	2.52 (0.74)		

Em relação ao *bullying* homofóbico e conforme apresentado na Tabela 20, existem diferenças marginalmente significativas entre as médias dos/as alunos/as dos diferentes anos escolares (10º ano, 11º ano e 12º ano) ao nível do fator Afastamento da Situação de *Bullying* e Autoeficácia,  $F = 2.94$ ,  $p < .001$ . Relativamente ao fator supracitado anteriormente, e como verificado através do teste de Levene, as variâncias não são iguais. Assim, e de acordo com o Teste *Post-Hoc Games-Howell*, as diferenças detetadas dizem respeito a diferenças estatisticamente significativas entre os/as alunos/as do 10º ano e os/as alunos/as do 12º ano ( $p = .043$ ). De acordo com estes resultados, os/as alunos/as do 10º ano são aqueles que descrevem utilizar mais estratégias de afastamento das situações de *bullying* homofóbico e de autoeficácia em comparação com os 11º e 12º anos.

**Tabela 20.** Médias e Desvios Padrão dos fatores da Escala de Observação de Manifestações e Motivos do Bullying Homofóbico (EOMMBH) referentes ao bullying homofóbico em função do ano escolar (ANOVA)

Fatores	Ano Escolar	N	Média (DP)	$p$	$F$
Desengajamento	10º ano	106	1.87 (0.46)	0.120	2.13
Moral e	11º ano	100	1.91 (0.46)		
Desresponsabilização	12º ano	95	1.78 (0.35)		

Afastamento da	10º ano	106	2.51 (0.83)		
Situação de <i>Bullying</i> e	11º ano	99	2.40 (0.93)	0.055	2.94
Autoeficácia	12º ano	96	2.24 (0.64)		
Falta de Sensibilidade	10º ano	106	1.85 (1.14)		
Moral Básica	11º ano	100	1.99 (1.40)	0.093	2.40
	12º ano	96	1.63 (0.95)		

### **Estudo da correlação entre os fatores da Escala de Comportamento de Observadores de *Bullying* Homofóbico e da Escala de Observação de Manifestações e Motivos do *Bullying* Homofóbico**

Na tabela 21 e em resposta à terceira questão de investigação, foi analisada a relação entre a ECOB BH e a EOMMBH, através do coeficiente de correlação de Pearson ( $r$ ).

No que diz respeito à Escala de Comportamento de Observadores de *Bullying* Homofóbico verifica-se que existe uma correlação negativa significativa fraca entre o fator Comportamento Defensor e o Comportamento Pro-*Bully* ( $r = -.366$ ), que são os fatores que compõem a referida escala.

Relativamente às correlações que ocorrem entre os próprios fatores da Escala de Observação de Manifestações e Motivos do *Bullying* Homofóbico é possível verificar a presença de correlações positivas significativas fracas entre o Afastamento da Situação de *Bullying* e Autoeficácia e o Desengajamento Moral e Desresponsabilização ( $r = .155$ ). Existe uma correlação positiva significativa moderada entre a Falta de Sensibilidade Moral Básica e o Desengajamento Moral e Desresponsabilização ( $r = .478$ ) e entre a Falta de Sensibilidade Moral Básica e o Afastamento da Situação de *Bullying* e Autoeficácia ( $r = .403$ ).

Entre os fatores das duas escalas em estudo (ECOB BH e EOMMBH), concluiu-se que no caso do Comportamento Pro-*Bully* existe uma correlação significativa, de forma moderada e positiva com o Desengajamento Moral e Desresponsabilização ( $r = .584$ ) e com a Falta de Sensibilidade Moral Básica ( $r = .643$ ). Verifica-se, ainda, uma correlação positiva significativa fraca com o Afastamento da Situação de *Bullying* e Autoeficácia ( $r = .203$ ). No que diz respeito ao Comportamento Defensor, apresentou uma correlação negativa significativa muito fraca com o Afastamento da Situação de *Bullying* e Autoeficácia ( $r = -.094$ ). O Comportamento Defensor apresenta ainda uma correlação negativa significativa fraca com o Desengajamento Moral e Desresponsabilização ( $r = -.300$ ) e com a Falta de Sensibilidade Moral Básica ( $r = -.393$ ).

Analisando os resultados anteriores e a tabela que se segue é possível concluir



que os/as alunos/as que declaram comportar-se de forma mais defensiva em relação às vítimas tendem a não se comportar de forma agressiva perante situações de *bullying* homofóbico, e vice-versa. Assim, é natural que ao reconhecerem as consequências que em muito prejudicam as vítimas de situações de *bullying* homofóbico se afastem menos dessas mesmas situações e tentem auxiliar as vítimas de alguma forma, pois sentem uma responsabilidade moral de o fazer. É possível compreender, ainda, que os/as alunos/as que afirmam ter mais dificuldades em identificar as consequências do *bullying* homofóbico e tentam desresponsabilizar-se dessas situações são os que tendem a ter mais comportamentos agressivos ou *pro-bully*. Por fim, verifica-se, também, que os/as alunos/as que menos se afastam das situações de *bullying* homofóbico tendem a ter mais comportamentos defensores.

**Tabela 21.** Correlações de Pearson (*r*) entre os fatores da ECOB BH e a EOMMBH

<i>Correlações de Pearson</i>	<i>Comportamento Pro-Bully</i>	<i>Comportamento Defensor</i>	<i>Desengajamento Moral e Desresponsabilização</i>	<i>Afastamento da Situação de Bullying e Autoeficácia</i>	<i>Falta de Sensibilidade Moral Básica</i>
<i>Comportamento Pro-Bully</i>	-				
<i>Comportamento Defensor</i>	<b>-,366**</b>	-			
<i>Desengajamento Moral e Desresponsabilização</i>	<b>,584**</b>	<b>-,300**</b>	-		
<i>Afastamento da Situação de Bullying e Autoeficácia</i>	<b>,203**</b>	-,094	<b>,155**</b>	-	
<i>Falta de Sensibilidade Moral Básica</i>	<b>,643**</b>	<b>-,393**</b>	<b>,478**</b>	<b>,403**</b>	-

\*\* . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades)

N=313

## Discussão dos Resultados

A validade e fiabilidade da ECOB, ECOB BH e da EOMMBH conseguiu confirmar a qualidade dos instrumentos para esta amostra através de uma análise psicométrica.

Na ECOB, tanto na escala que se refere ao *Bullying* como na escala referente ao *Bullying* Homofóbico, através das análises fatoriais exploratórias foi possível reconhecer os seguintes comportamentos dos/as observadores/as, perante situações de *bullying* e de *bullying* homofóbico: Comportamento Pro-Bully e Comportamento Defensor. De acordo com a análise das médias da ECOB e da ECOB BH, observou-se que os/as estudantes inquiridos revelam uma maior tendência a ter comportamentos defensores quando comparados com comportamentos que reforcem e assistam o/a(s) agressor/a(es/s).

No que diz respeito à EOMMBH, a análise fatorial exploratória identificou três fatores que podem influenciar o/a observador/a a intervir ou não nas situações de *bullying* e de *bullying* homofóbico, designadamente o Desengajamento Moral e Desresponsabilização, o Afastamento da Situação de *Bullying* e Autoeficácia e a Falta de Sensibilidade Moral Básica. Analisando as médias dos três fatores nos itens referentes tanto ao *bullying* como ao *bullying* homofóbico, concluiu-se que média do fator Afastamento da Situação de *Bullying* e Autoeficácia é a que apresenta valor mais elevado, mostrando assim que os/as alunos/as têm uma maior tendência para se afastar deste tipo de situações para ambas as problemáticas.

Em resposta à primeira questão de investigação que é se: *existem diferenças nos papéis desempenhados pelos/as observadores/as de bullying e bullying homofóbico em função do sexo, do tipo de curso que frequentam e do ano de escolaridade*, os principais resultados apresentam uma diferença significativa em função do sexo, tanto para a ECOB como para a ECOB BH, onde as raparigas se mostraram mais defensoras do que os rapazes. Ao contrário dos rapazes, que se mostraram com uma maior tendência a agir como pro-bullies, relativamente às raparigas. As pesquisas têm mostrado, ainda, que as raparigas são mais empáticas e que a empatia está relacionada com respostas pró-sociais como ajudar e intervir. Desta forma, as raparigas são mais propensas a responder proativamente perante situações de *bullying* e de *bullying* homofóbico em comparação com os rapazes (Waasdorp & Bradshaw, 2018). Diversas investigações referem que é comum e expectável os rapazes se mostrarem mais agressivos dado que julgam ser uma das características esperadas do papel social por parte do sexo masculino, enquanto as raparigas assumem comportamentos de maior proteção, como pensam ser expectável por parte do sexo feminino (Barbosa, 2004).

Outros estudos (António, 2019), revelam ainda que os rapazes tendem a ter mais comportamentos *pro-bully* porque temem o contágio social e o ser associados a outros/as estudantes que sejam homossexuais ou que sejam percebidos/as como tal, dado que a defesa de comportamentos homofóbicos é contraditória com as normas de masculinidade esperadas dos rapazes. Normas que passam por não ser homossexual e agir de acordo com as normas do papel de género. Assim, ao aderir e se comportar de acordo com essas normas, os jovens do sexo masculino comprovam a sua heterossexualidade e masculinidade e evitam ser vítimas de homofobia, acabando por ter comportamentos *pro-bully* (António, 2019).

Ainda, em resposta à primeira questão de investigação, no que diz respeito ao tipo de curso frequentado, os resultados da análise da ECOB e da ECOB BH, concluem que os/as alunos/as dos cursos profissionais apresentam mais comportamentos *pro-bully* dos que os/as alunos/as dos cursos científico-humanísticos. No que concerne especificamente ao *bullying* homofóbico são, também, os/as alunos/as dos cursos profissionais que apresentam mais comportamentos defensores. Relativamente aos resultados da ECOB e ECOB BH em função do ano de escolaridade, os resultados não apontam diferenças estatisticamente significativas nem a nível dos comportamentos defensores nem dos comportamentos *pro-bully*. No entanto, dados da literatura mostram que quanto mais novos/as os/as jovens maior tendência apoiar as vítimas (Rigby & Johnson, 2006). Assim, seria de esperar que quanto maior o ano de escolaridade dos/as alunos/as, menos os comportamentos defensores, que poderia dever-se ao facto de o *bullying* passar a ser mais tolerado pelos pares (Salmivalli & Voeten, 2004).

Para responder à segunda questão de investigação que é se: *existem diferenças nos motivos que levam os/as observadores/as a atuar em situações de bullying e de bullying homofóbico, em função do sexo, do curso e ano escolar*, o resultado mais expressivo da EOMMBH, tanto para os itens de *bullying* como para os de *bullying* homofóbico, mostram que os rapazes para além de não intervirem, relatam menor sensibilidade para identificar as consequências prejudiciais do *bullying* e do *bullying* homofóbico e de simpatizar com as vítimas, em comparação com as raparigas. Esta diferença entre sexos pode dever-se ao facto de o desenvolvimento da sensibilidade moral básica ser maior no sexo feminino. Enquanto que o sexo masculino revela elevados mecanismos de desengajamento moral e desresponsabilização, concordante com os resultados obtidos (Thornberg e Jungert, 2013).

Relativamente, ainda, à segunda questão de investigação, os resultados revelam que são os cursos profissionais que relatam maior insensibilidade perante o *bullying* e

o *bullying* homofóbico e uma maior incapacidade para reconhecer os efeitos prejudiciais dos mesmos. Os resultados dos itens do *bullying* e do *bullying* homofóbico da EOMMBH mostram, ainda, que em função do ano escolar não existem diferenças estatisticamente significativas entre alunos/as do 10º e 12º ano. No entanto, os/as alunos/as do 10º ano empregam mais estratégias de afastamento e de autoeficácia perante situações de *bullying* e de *bullying* homofóbico em comparação com os restantes anos do ensino secundário. Estudos de Waasdorp & Bradshaw (2018) revelam que os/as estudantes do ensino secundário têm menos propensão para atuar em situações de *bullying*, quanto mais elevado for o ano de escolaridade que frequentam, o que realça o porquê de os/as alunos/as que frequentam o 10º ano revelarem mais estratégias de afastamento e autoeficácia que os/as colegas de anos escolares acima dos seus.

No que diz respeito à última questão de investigação que é se: *existe uma correlação estatisticamente significativa entre os comportamentos e os motivos dos observadores perante uma situação de bullying e bullying homofóbico?*, foi analisada a correlação de *Pearson* entre a ECOB BH e a EOMMBH. Onde é de notar que o Comportamento Pro-*bully* se relaciona com a Falta de Sensibilidade Moral Básica e com a utilização elevada de mecanismos de Desengajamento Moral e Desresponsabilização no *bullying* e no *bullying* homofóbico. E, no caso do Comportamento Defensor existe uma relação com níveis altos de Sensibilidade Moral Básica, níveis baixos de Afastamento da Situação de *Bullying* e Autoeficácia e com uma utilização menor de mecanismos de Desengajamento Moral e Desresponsabilização. Tal como em outras investigações (Thornberg e Jungert, 2013), é relatado um maior Comportamento Pro-*bully* quando existe menor Sensibilidade Moral Básica em conjunto com menores níveis de Desengajamento Moral. No caso do Comportamento Defensor, dois dos fatores acima referidos (Sensibilidade Moral Básica e Desengajamento Moral) não são suficientes para justificar tais comportamentos.

De destacar, também, a correlação da Falta de Sensibilidade Moral Básica com o Desengajamento Moral e Desresponsabilização e com o Afastamento da Situação de *Bullying* e Autoeficácia. Logo, quanto maior a sensibilidade de reconhecimento das consequências prejudiciais do *bullying* e do *bullying* homofóbico menor o afastamento dessas situações e uma maior utilização de mecanismos de desengajamento.

Em suma, o estudo realizado com este trabalho académico pretendeu um aprofundamento de conhecimentos na temática do *bullying* homofóbico nas suas variadas manifestações e os comportamentos que o despoletam, pelo que se justifica necessário que a sociedade compreenda a homossexualidade, desconstrua os

paradigmas relacionados com a orientação sexual e do que ocorre com a assunção da diferença (Pimenta, 2013). Esta investigação mostrou ainda que a intervenção junto dos/as observadores/as, deve variar de abordagem de acordo com as características contextuais do/a aluno/a e da escola ao nível do contexto escolar em que estão inseridos/as, de forma a que estes/as passem a ser menos propensos/as a contribuir com respostas passivas em vez de uma resposta ativa/defensiva (Neto, 2005; Waasdorp & Bradshaw, 2018).

### **Limitações e sugestões para estudos futuros**

A primeira limitação do presente estudo diz respeito às escalas utilizadas. Sendo que a ECOB de *bullying* homofóbico é uma adaptação da ECOB; e a EOMMBH é um instrumento criado propositadamente para o referido estudo. Assim, sendo que não são escalas validadas por outras investigações, existe um viés de fundamentação das mesmas. Pelo que, futuramente, se mostra necessário mais estudos com um universo maior de forma a concluir se os resultados são consonantes com esta investigação para que se valide os instrumentos para a população portuguesa.

Uma segunda limitação passa por os/as participantes serem de apenas uma instituição escolar dentro de uma cidade específica o que pode fazer com que os resultados não correspondam aos dos/as estudantes em geral, noutros contextos escolares, noutras localidades e, portanto, com vivências diferentes.

A terceira limitação do estudo deve-se ao facto deste estudo considerar apenas alguns fatores que levam à intervenção ou não do/a observador/a nas situações de *bullying* e de *bullying* homofóbico. Já se tendo percebido o quão complexo é o *bullying* homofóbico, releva-se a possibilidade de outros fatores influenciadores que deverão ser explorados em estudos futuros.

Por fim, ressalva-se, em investigações futuras o interesse de estudar a redução dos comportamentos de carácter defensor relacionados diretamente com o avanço da idade dos/as alunos/as e dos anos escolares, sendo igualmente importante estudar os fatores que influenciem esse mesmo decréscimo.

### **Implicações práticas**

Os programas de intervenção e a promoção de projetos educativos que desenvolvam comportamentos não violentos face à diferença real ou percebida relacionada com a orientação sexual, devem englobar todo o grupo envolvente (os/as agressores/as, as vítimas e os/as observadores/as) nas situações de *bullying* homofóbico. Revela-se, ainda, fundamental na integração da intervenção contra o

*bullying* e o *bullying* homofóbico o trabalho com os/as observadores/as, sendo que são estes os intervenientes presentes em maior número e, portanto, os que têm mais possibilidades de intervir nas situações de *bullying* e de *bullying* homofóbico e quebrar os ciclos destes comportamentos violentos. Se por um lado condenam os comportamentos homofóbicos e sentem a necessidade de auxiliar os/as vítimas, por outro receiam intervir por medo de sofrer o mesmo por parte do/a agressor/a, acabando por se sentir ineficazes para intervir e ajudar (António, 2019).

Os programas e projetos acima mencionados seriam, assim, uma mais valia nos contextos escolares para alertar os/as alunos/as e toda a restante comunidade escolar, o que poderá levar a uma prevenção e/ou resolução desta problemática com maior facilidade, como já referido em outros estudos (Paull et al., 2012; Polanin et al., 2012). Desta forma, estes programas e projetos devem fornecer ferramentas que permitam aos/às alunos/as perceber que papel e/ou papéis desempenham nas situações de *bullying* e de *bullying* homofóbico e quais as respostas adequadas a tomar em situações violentas para que possam atuar mais facilmente (Paull et al., 2012). De forma a que os/as alunos/as tenham elevados níveis de autoeficácia e se sintam capazes de agir nas situações de *bullying* e de *bullying* homofóbico devem ter a possibilidade de colocar em práticas as ferramentas referidas (Pereira, 2015).

## Referências

- American Psychological Association (2008). *Answers to your questions: for a better understanding of sexual orientation & homosexuality*. Washington: Psychnet.
- Amnistia Internacional Portugal. (2016). *STOP BULLYING – Um recurso educativo baseado nos direitos humanos para combater a discriminação*. Lisboa: Amnistia Internacional Portugal.
- António, R., Pinto, T., Pereira, C., Farcas, D., & Moleiro, C. (2012). Bullying homofóbico no contexto escolar em Portugal. *Psicologia, Vol. XXVI (1)*, 2012, Edições Colibri, Lisboa, pp. 17-32.
- António, R. (2019). Homophobic bullying: intergroup factors and bystanders' behavioral intentions (Tese de doutoramento). IUL School of Social Sciences and Humanities, Department of Social and Organizational Psychology, Lisboa.
- Araújo, M. F. (2005). Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. *Psicologia Clínica, 17(2)*, 41-52. doi: 10.1590/S0103-56652005000200004
- Barbosa, C. (2004). Violência escolar e a construção social de masculinidades. In L. Amâncio (Ed.). *Aprender a ser homem: construindo masculinidades* (pp. 143-163). Lisboa: Livros Horizonte.
- Berger, K. (2007). Update on bullying at school: science forgotten? *Developmental Review, 27*, 90-126.
- Boulton, M. J., & Smith, P. K. (1994). Bully/victim problems in middle-school children: stability, self-perceived competence, peer perceptions and peer acceptance. *British Journal of Developmental Psychology, 12(3)*, 315–329. doi:10.1111/j.2044835X.1994.tb00637.x
- Briggs, S., & Cheek, J. (1986). The role of factor analysis in the development and evaluation of personality scales. *Journal of Personality, 54(1)*, 106–148.
- Bullock, J. (2002). Bullying among children. *Childhood education, 78(3)*, 130-133.
- Carvalhosa, S. F. (2009). Prevention of bullying in schools: an ecological model. *International Journal of Developmental and Educational Psychology, 1(4)*, 129-



134.

- Carvalhosa, S. F., Moleiro, C. & Sales, C. (2009). Violence in portuguese schools. *International Journal of Violence and School*, 9, 57-78.
- Carvalhosa, S. F., Moleiro, C. & Sales, C. (2009). A situação do bullying nas escolas portuguesas. *Interacções*, 13. 125-146.
- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. (2013). Campanha dislike bullying homofóbico. Disponível em: <http://www.dislikebullyinghomofobico.gov.pt/>
- Costa, P., & Pereira, B. (2010). O bullying na escola: a prevalência e o sucesso escolar. *I seminário internacional "contributos da psicologia em contextos educativos"*. Braga: Universidade do Minho.
- Cowie, H., & Jennifer, D. (2008). *New perspectives on bullying*. Maidenhead: Open University Press.
- Craig, W., Pepler, D., & Atlas, R. (2000). Observations of bullying in the playground and in the classroom. *School Psychology International*, 21(1), 22–36.
- Cunha, A. (2014). Bullying: um estudo exploratório das práticas parentais e das atitudes relativas à diversidade de género e etnia na compreensão do fenómeno (Dissertação de Mestrado não publicada). Instituto de Educação da Universidade do Minho, Braga.
- Espelage, D. L., Aragon, S. R., Birkett, M., & Koenig, B. W. (2008). Homophobic teasing, psychological outcomes, and sexual orientation among high school students: What influence do parents and schools have? *School Psychology Review*, 37, 202–216.
- Estévez, E., Jiménez, T. I., & Musitu, G. (2008). *Violence and victimization at school in adolescence*. D.H. Molina (Ed). *School Psychology* (pp. 79-115). New York: Nova Publishers.
- European Union Agency for Fundamental Rights – FRA. (2014). *EU LGBT survey, european union lesbian, gay, bisexual and transgender survey – main results*. Luxembourg: Publications Office of the European Union. doi:10.2811/37969
- European Union Agency for Fundamental Rights – FRA. (2020). *Fundamental rights*

report 2020. Austria: Publications Office of the European Union.

Fante, C. (2005). *Fenómeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. São Paulo: Versus.

Filho, D. B. F., & Júnior, J. A. S. (2009). Desvendando os Mistérios do Coeficiente de Correlação de Pearson ( $r$ ). *Revista Política Hoje*, 18, 1, 115-146.

Forsberg, C., & Thornberg, R. (2016). The social ordering of belonging: children's perspectives on bullying. *International Journal of Educational Research*, 78, 13-23. doi:10.1016/j.ijer.2016.05.008

Frey, K. S., Newman, J. B., & Onyewuenyi, A. C. (2014). Aggressive forms and functions on school playgrounds: profile variations in interaction styles, bystander actions, and victimization. *The Journal of Early Adolescence*, 34(3), 285–310. doi:10.1177/0272431613496638

Gato, J., Carneiro, N. S., & Fontaine, A. M. (2011). Contributo para uma revisitação histórica e crítica do preconceito contra as pessoas não heterossexuais. *Revista Crítica e Sociedade*, 1(1), 139-167.

Gini, G., Albiero, P., Benelli, B., & Altoè, G. (2008). Determinants of adolescents' active defending and passive bystanding behavior in bullying. *Journal of Adolescence*, 31(1), 93–105. doi:10.1016/j.adolescence.2007.05.002

Gouveia, P. (2016, Outubro 19). *Bullying – uma realidade nas nossas escolas*. Hogrefe. Consultado em Janeiro 02, 2018 em: [http://www.testes-  
psicologicos.pt/2016/10/bullying-uma-realidade-nas-nossas.html](http://www.testes-psicologicos.pt/2016/10/bullying-uma-realidade-nas-nossas.html)

Harris, S., & Petrie, G. (2003). *Bullying: the bullies, the victims, the bystanders*. Lanham, Maryland, and Oxford: The Scarecrow Press, Inc.

Haynie, D., Nansel, T., Eitel, P., Crump, A., Saylor, K., Yu, K., & Simons-Morton, B. (2001). Bullies, Victims, and Bully/Victims: Distinct Groups of At-Risk Youth. *The Journal of Early Adolescence*, 21(1), 29–49. doi:10.1177/0272431601021001002

Hong, J. S., & Garbarino, J. (2012). Risk and protective factors for homophobic bullying in schools: *an application of the social-ecological framework*. *Educ Psychol Rev*, 24, 271-285.

- Huitsing, G., Snijders, T. A., Van Duijn, M. A., & Veenstra, R. (2014). Victims, bullies, and their defenders: a longitudinal study of the coevolution of positive and negative networks. *Development and Psychopathology*, 26(3), 645–659. doi:10.1017/S0954579414000297
- Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual, Trans e Intersexo – ILGA. (2018). Estudo nacional sobre o ambiente escolar – jovens LGBTI+ 2016/2017.
- Kosciw, J. G., & Diaz, E. M. (2006). *The 2005 national school climate survey: the experiences of lesbian, gay, bisexual and transgender youth in our nation's schools*. New York: GLSEN.
- Lagerspetz, K., Björkqvist, K., Berts, M., & King, E. (1982). Group aggression among school children in three schools. *Scandinavian Journal of Psychology*, 23(1), 45–52. doi/10.1111/j.14679450.1982.tb00412
- Leech, N., Barrett, K., & Morgan, G. (2005). *SPSS for Intermediate Statistics: use and interpretation*. (2nd ed.). London: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Marôco, J. (2011). *Análise estatística com o SPSS statistics*. (5th ed.). Pero Pinheiro: Report Number.
- Marôco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65–90.
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilíbrios.
- Matos, M. G., Simões, C., Gaspar, T., & Equipa do Projeto Aventura Social. (2010). Bullying no contexto escolar em Portugal - Evolução 1998-2006. In J. Sebastião, *Violência na escola: tendências, contextos, olhares*. Chamusca: Edições Cosmos.
- Melo, M., & Pereira, S. (2017). Comportamentos e motivos dos/as observadores/as de bullying: contributos para a sua avaliação. *Revista Psicologia*, 31(2), 1-14. doi: 10.17575/rpsicol.v31i2.1150
- National Academies of Sciences, Engineering and Medicine - NASEM. (2016). *Preventing bullying through science, policy, and practice*. Washington, DC: The National Academies Press. doi: 10.17226/23482.

- Neto, A. (2005). Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81(5). 164-172.
- Neto, A. (2007). Bullying. *Adolescência e Saúde*, 4(3). 51-56.
- Nogueira, C., Oliveira, J., Almeida, M., Costa, C., Rodrigues, L., & Pereira, M. (2010). *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Nunnally, J., & Bernstein, I. (1978). *Psychometric theory* (3rd ed.). New York: McGraw-Hill, Inc.
- O'Higgins-Norman, J. (2008). Equality in the provision of social, personal and health education in the republic of ireland: the case of homophobic bullying? *Pastoral Care in Education*, 26 (2), 69–81.
- Oh, I., & Hazler, R. (2009). Contributions of personal and situational factors to bystanders' reactions to school bullying. *School Psychology International*, 30(3), 291–310. doi:10.1177/0143034309106499
- Olweus, D. (1993<sup>a</sup>). *Bullying at school: what we know and what we can do (understanding children's worlds)*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Olweus, D. (1993<sup>b</sup>). Victimization by peers: antecedents and long-term outcomes. In K. H. Rubin & J. B. Asendorpf (Eds), *Social withdrawal, inhibition, and shyness in childhood* (pp.315-341). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Olweus, D. (1994). Annotation: Bullying at school: basic facts and effects of a school based intervention program. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 35(7), 1171–1190.
- Orue, I., & Calvete, E. (2018). Homophobic bullying in schools: the role of homophobic attitudes and exposure to homophobic aggression. *School Psychology Review*, 47(1), 95-105. doi: 10.17105/SPR-2017-0063.V47-1
- Pallant, J. (2005). *SPSS survival manual*. Australia: Allen & Unwin.
- Paull, M., Omari, M., & Standen, P. (2012). When is a bystander not a bystander? A typology of the roles of bystanders in workplace bullying. *Asia Pacific Journal of*

*Human Resources*, 50(3), 351–366. doi:10.1111/j.1744-7941.2012.00027.x

Pereira, A., & Patrício, T. (2013). *Guião prático de Utilização do SPSS: Análise de dados para ciências sociais e psicologia*. (8ª ed). Lisboa: Edições Sílabo.

Pereira, S. (2015). “Vejo, não vejo...”. Fatores motivacionais que levam os observadores a ajudar ou não as vítimas de bullying (Dissertação de Mestrado). Escola de Ciências Sociais, Departamento de Psicologia, Universidade de Évora.

Pereira, S., & Melo, M. (2017). Observação de *bullying*: avaliação, sensibilidade moral e motivação para ajudar as vítimas. *Revista Psicologia*, 31(2), 254-260.

Perren, S. (2000). Kindergarten children involved in bullying: social behavior, peer relationships, and social status (Tese de doutoramento não publicada). Faculdade de Filosofia e História da Universidade de Berna, Suíça.

Pestana, M., & Gageiro, J. (2008). *Análise de dados para ciência sociais: a complementaridade do SPSS* (5th ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Pimenta, N. (2013). Bullying em jovens LGBT (Trabalho final de projeto do mestrado). Escola Superior de Educação de Viseu, Instituto Politécnico de Viseu.

Polanin, J., Espelage, D., & Pigott, T. (2012). A meta-analysis of school-based bullying prevention programs' effects on bystander intervention behavior. *School Psychology Review*, 41(1), 47–65.

Poteat, V. P., & Espelage, D. L. (2005). Exploring the relation between bullying and homophobic verbal content: the homophobic content agent target (HCAT) scale. *Violence and Victims*, 20(5), 513–528. doi:10.1891/0886-6708.2005.20.5.513

Poteat, V. P., & Espelage, D. L. (2007). Predicting psychosocial consequences of homophobic victimization in middle school students. *Journal of Early Adolescence*, 2(27), 175-191. doi: 10.1177/0272431606294839

Rigby, K., & Johnson, B. (2006). Expressed readiness of Australian schoolchildren to act as bystanders in support of children who are being Bullied. *Educational Psychology*, 26(3), 425–440. doi:10.1080/01443410500342047

Rivers, I. (2004). Recollections of bullying at school and their long-term implications for

lesbians, gay men, and bisexuals. *Crises*, 25 (4). doi: 10.1027/02275910.25.4.

Rivers, I., & Cowie, H. (2007). Bullying and homophobia in UK schools: a perspective on factors affecting resilience and recovery. *Journal of Gay and Lesbian Issues in Education*, 3(4), 11-43.

Rivers, I. (2011). *Homophobic bullying: research and theoretical perspectives*. New York: Oxford University Press.

Salmivalli, C., Lagerspetz, K., Björkqvist, K., Österman, K., & Kaukiainen, A. (1996). *Bullying* as a group process: participant roles and their relations to social status within the group. *Aggressive Behavior*, 22, 1–15.

Salmivalli, C., Lappalainen, M., & Lagerspetz, K. (1998). Stability and change of behavior in connection with bullying in schools: a two-year follow-up. *Aggressive Behavior*, 24, 205–218.

Salmivalli, C. (1999). Participant role approach to school bullying: implications for interventions. *Journal of Adolescence*, 22(4), 453-459. doi:10.1006/jado.1999.0239

Salmivalli, C. (2010). Bullying and the peer group: a review. *Aggression and Violent Behavior*, 15(2), 112–120.

Salmivalli, C., & Voeten, M. (2004). Connections between attitudes, group norms, and behaviour in bullying situations. *International Journal of Behavioral Development*, 28(3), 246–258. doi:10.1080/01650250344000488

Salmivalli, C., Voeten, M., & Poskiparta, E. (2011). Bystanders matter: associations between reinforcing, defending, and the frequency of bullying behavior in classrooms. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 40(5), 668–76. doi:10.1080/15374416.2011.59709

Santos, N. R. (2005). *Projectos de investigação em psicologia: guia para a sua elaboração e execução*. Évora: NEPUÉ.

Slee, P., & Rigby, K. (1993). The relationship of eysenck's personality factors and self-esteem to bully-victim behaviour in australian schoolboys. *Personality and Individual Differences*, 14(2), 371–373.

- Smith, P., Morita, Y., Junger-Tas, J., Olweus, D., Catalano, R., & Slee, P. (1999). *The nature of school bullying: a cross-national perspective*. (1<sup>a</sup> ed.). London and New York: Routledge.
- Stangor, C. (2011). *Research methods for the behavioral sciences*. (4th ed.). United States of America: Wadsworth.
- Stonewall (2007). *The School Report: the experiences of young gay people in Britain's schools*. UK: Stonewall.
- Swearer, M. S., Espelage, L. D., & Napolitano, A. S. (2009). *Bullying prevention and intervention: realistic strategies for schools*. New York & London: The Guilford Press.
- Tackacs, J. (2006). *Social exclusion of young lesbian, gay, bisexual and transgender people (LGBT)*. Brussels: ILGA-Europe and IGLYO.
- Thornberg, R., Tenenbaum, L., Varjas, K., Meyers, J., Jungert, T., & Vanegas, G. (2012). Bystander motivation in bullying incidents: to intervene or not to intervene? *Western Journal of Emergency Medicine*, 13(3), 247–52. doi:10.5811/westjem.2012.3.11792
- Thornberg, R., & Jungert, T. (2013). Bystander behavior in bullying situations: basic moral sensitivity, moral disengagement and defender self-efficacy. *Journal of Adolescence*, 36(3), 475–83. doi:10.1016/j.adolescence.2013.02.003
- Tsang, S., Hui, E., & Law, B. (2011). Bystander position taking in school bullying: the role of positive identity, self-efficacy, and self-determination. *The Scientific World Journal*, 11, 2278–86. doi:10.1100/2011/531474
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. (2012). *Review of homophobic bullying in educational institutions: prepared for the international consultation on homophobic bullying in educational institutions*. Rio de Janeiro, Brazil, 6-9 December 2011. Paris: UNESCO.
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization - UNESCO. (2017). *School Violence and Bullying: Global Status Report*. Paris: UNESCO.
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization - UNESCO. (2019).

*Behind the numbers: Ending school violence and bullying.* Paris: UNESCO.

Waasdorp, T., & Bradshaw, C. (2018). Examining variation in adolescent bystanders' responses to bullying. *School Psychology Review* (47)1. 18-33. doi: 10.17105/SPR-2017-0081.V47-1

Worthington, R. L., & Whittaker, T. A. (2006). Scale Development Research: A Content Analysis and Recommendations for Best Practices. *The Counseling Psychologist*, 34(6), 806–838. doi: 10.1177/0011000006288127



**Anexos**

Anexo 1 – Pedido de autorização à direção da escola;

Anexo 2 – Pedido de autorização aos encarregados de educação;

Anexo 3 – Declaração de consentimento informado;

Anexo 4 – Pedido de autorização aos/às alunos/as maiores de 18 anos;

Anexo 5 – Instrumento(s).



## Anexo 1

Exmo. Sr. Diretor do Agrupamento de Escolas Gabriel Pereira de Évora, Dr. Fernando Farinha Martins

No âmbito da dissertação do Mestrado em Psicologia da Universidade de Évora, área de Especialização em Psicologia da Educação, a mestranda Iris Correia, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Doutora Madalena Melo, está a desenvolver uma investigação subordinada à temática do Bullying Homofóbico, com foco nas suas variadas manifestações e motivos.

Com a presente investigação, pretende-se estudar e analisar o *bullying* homofóbico nas suas variadas manifestações e os comportamentos/motivos que o despoletam. A concretização desta investigação implica que uma amostra de estudantes, do Ensino Secundário, tanto dos cursos científico-humanísticos como dos cursos profissionais, responda a um questionário, expressando a sua opinião relativamente a um conjunto de afirmações.

Para a realização desta investigação, torna-se imprescindível a colaboração do Agrupamento de Escolas que V. Ex.<sup>a</sup> dirige, pelo que se solicita autorização para que os questionários possam ser passados aos alunos desse Agrupamento. Salva-se que a investigação em causa não representa nenhum tipo de encargo financeiro para a instituição, que o questionário é de rápido preenchimento não prejudicando assim o normal funcionamento das aulas e que serão assegurados todos os procedimentos éticos na condução do estudo, nomeadamente o consentimento informado de todos os participantes. Informa-se ainda que já foi solicitada a necessária autorização ao Ministério da Educação. Importa salientar que a finalidade desta investigação é unicamente académica, e que será salvaguardada a confidencialidade dos dados recolhidos. No final da investigação, os resultados e conclusões obtidas poderão vir a ser disponibilizadas ao Agrupamento.

Esperando uma resposta positiva à autorização solicitada, agradecemos desde já a atenção dispensada e apresentamos os melhores cumprimentos.

Évora, Janeiro de 2018

Mestranda – Iris Correia

Orientadora – Prof.<sup>a</sup> Doutora Madalena Melo

Exmo./a. Sr./a Encarregado/a de Educação

ASSUNTO: Pedido de Autorização aos Encarregados de Educação

Vimos por este meio solicitar autorização para o/a seu/sua educando/a participar numa investigação, no âmbito da dissertação do Mestrado em Psicologia da Universidade de Évora, área de Especialização em Psicologia da Educação, realizada pela mestranda Iris Correia e sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Doutora Madalena Melo.

A presente investigação está subordinada à temática da observação de comportamentos agressivos, com foco nas suas variadas manifestações e motivos. Para a realização desta investigação, torna-se imprescindível a colaboração dos/as estudantes, do Ensino Secundário, tanto dos cursos científico-humanísticos como dos cursos profissionais. Assim, é essencial que o seu/sua educando/a responda a um questionário, expressando a sua opinião relativamente a um conjunto de afirmações. Importa salientar que a finalidade desta investigação é unicamente académica, e que será salvaguardada a confidencialidade dos dados recolhidos.

Esperando uma resposta positiva à autorização solicitada, agradecemos desde já a atenção dispensada e apresentamos os melhores cumprimentos.

Mestranda: Iris Correia

Orientadora: Madalena Melo

-----  
Eu, \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, Encarregado/a de Educação, do/a aluno/a  
\_\_\_\_\_, do \_\_\_º ano, turma \_\_, nº \_\_\_\_  
autorizo/ não autorizo (riscar o que não interessar) o/a meu/minha educando/a a participar nos questionários sobre observação de comportamentos agressivos, no âmbito de investigação de Mestrado em Psicologia da Universidade de Évora.

O/A encarregado/a de Educação \_\_\_\_\_

Declaração de consentimento informado

Vimos por este meio solicitar a tua participação numa investigação sobre a observação de comportamentos agressivos, realizada no âmbito do Mestrado em Psicologia da Universidade de Évora, especialização em Psicologia da Educação, e desenvolvida pela mestranda Iris Correia, sob a orientação da Professora Madalena Melo. A concretização desta investigação implica que respondas a um questionário onde expressas a tua opinião relativamente a um conjunto de afirmações sobre a temática referida. Importa salientar que a finalidade desta investigação é unicamente académica e que serão salvaguardados todos os procedimentos éticos como o anonimato das respostas e a confidencialidade dos dados recolhidos.

Esperando uma resposta positiva ao pedido, agradecemos desde já a atenção dispensada e apresentamos os melhores cumprimentos.

Mestranda: Iris Correia

Orientadora: Madalena Melo

Eu, \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_,  aluno/a do \_\_\_\_º ano, turma \_\_\_\_\_, nº \_\_\_\_\_

aceito / não aceito participar na investigação sobre observação de comportamentos agressivos, no âmbito de investigação de Mestrado em Psicologia da Universidade de Évora.

O/A aluno/a

\_\_\_\_\_

Vimos por este meio solicitar a tua participação numa investigação sobre a observação de comportamentos agressivos, realizada no âmbito do Mestrado em Psicologia da Universidade de Évora, especialização em Psicologia da Educação, e desenvolvida pela mestranda Iris Correia, sob a orientação da Professora Madalena Melo. A concretização desta investigação implica que respondas a um questionário onde expressas a tua opinião relativamente a um conjunto de afirmações sobre a temática referida. Importa salientar que a finalidade desta investigação é unicamente académica e que serão salvaguardados todos os procedimentos éticos como o anonimato das respostas e a confidencialidade dos dados recolhidos. Esperando uma resposta positiva ao pedido, agradecemos desde já a atenção dispensada e apresentamos os melhores cumprimentos.

Mestranda: Iris Correia  
Orientadora: Madalena Melo

-----  
Eu, \_\_\_\_\_, aluno/a do \_\_\_\_º ano, turma \_\_\_\_\_, nº \_\_\_\_\_  
aceito  / não aceito  participar na investigação sobre observação de comportamentos agressivos, no âmbito de investigação de Mestrado em Psicologia da Universidade de Évora.  
O/A \_\_\_\_\_ aluno/a \_\_\_\_\_

Vimos por este meio solicitar a tua participação numa investigação sobre a observação de comportamentos agressivos, realizada no âmbito do Mestrado em Psicologia da Universidade de Évora, especialização em Psicologia da Educação, e desenvolvida pela mestranda Iris Correia, sob a orientação da Professora Madalena Melo. A concretização desta investigação implica que respondas a um questionário onde expressas a tua opinião relativamente a um conjunto de afirmações sobre a temática referida. Importa salientar que a finalidade desta investigação é unicamente académica e que serão salvaguardados todos os procedimentos éticos como o anonimato das respostas e a confidencialidade dos dados recolhidos. Esperando uma resposta positiva ao pedido, agradecemos desde já a atenção dispensada e apresentamos os melhores cumprimentos.

Mestranda: Iris Correia  
Orientadora: Madalena Melo

-----  
Eu, \_\_\_\_\_, aluno/a do \_\_\_\_º ano, turma \_\_\_\_\_, nº \_\_\_\_\_  
aceito  / não aceito  participar na investigação sobre observação de comportamentos agressivos, no âmbito de investigação de Mestrado em Psicologia da Universidade de Évora.  
O/A \_\_\_\_\_ aluno/a \_\_\_\_\_

## Quais são as tuas experiências e pensamentos sobre bullying?

Os questionários que se seguem descrevem um conjunto de experiências e pensamentos sobre *bullying*. Para cada questão, coloca uma cruz (X) na resposta que tem mais a ver contigo. É importante que sejas sincero/a. **Não existem respostas certas ou erradas** e todos os questionários são **anónimos e confidenciais**. Obrigada pela tua participação.

### DADOS DE CARACTERIZAÇÃO

Sexo:  Masculino  Feminino

Idade: \_\_\_\_\_

Ano de escolaridade: \_\_\_\_\_

Curso: \_\_\_\_\_

### ► PARA TE AJUDAR NO PREENCHIMENTO DOS QUESTIONÁRIOS ◀

- ✓ **Bullying** significa que um/a aluno/a (**bully**), ou grupo de alunos/as (**bullies**), diz ou faz repetidamente coisas desagradáveis a outro/a aluno/a (**vítima**). Também é bullying quando outro(s)/a(s) excluem repetidamente e de forma propositada um/a aluno/a. Mas não é bullying quando 2 aluno/a(s) (aproximadamente com a mesma força) brigam ou lutam entre si. Piadas entre amigo/a(s) não são bullying se todo/a(s) o/a(s) envolvido/a(s) acharem piada. Mas é bullying se um/a aluno/a ou grupo de alunos/as goza ou faz pouco de outro/a aluno/a repetidamente, de uma forma que ele ou ela não gosta.
- ✓ O *bullying* também pode ser dirigido a alvos específicos, devido a características que determinadas pessoas ou grupos possam ter. É o caso, por exemplo, do chamado **bullying homofóbico**, que se dirige a pessoas vistas como gays ou lésbicas.
- ✓ **Bullying** ≈ Intimidar, agredir, ameaçar, chamar nomes, gozar, excluir alguém, humilhar, insinuações.
- ✓ Para um comportamento ser considerado **bullying**, os seguintes critérios têm que ser preenchidos:
  - Acontecer no contexto escolar;
  - Ser um comportamento negativo (desagradável ou doloroso), intencional e repetido no tempo;
  - Ocorrer entre pessoas onde é visível um desequilíbrio de poder ou força.

Este questionário diz respeito a situações de bullying em geral e a situações de bullying homofóbico em particular (ou seja, comportamentos dirigidos a alunos/as que se julga serem homossexuais ou vistos/as como tal).

### **Durante os dois últimos meses de aulas:**

(podes assinalar mais que um quadrado)

- Já vi situações de bullying na escola
- Já vi situações de bullying homofóbico na escola
- Já fui vítima de bullying na escola
- Já fui vítima de bullying homofóbico na escola
- Já agredi um/a colega na escola
- Já agredi um/a colega na escola por achar que era gay/lésbica

(CONTINUA →)

### **PARTE 1. COMO REAGES AO BULLYING NA ESCOLA? <sup>(1)</sup>**

Se vires um aluno, uma aluna ou vários/as alunos/as a intimidar(em) outro/a aluno/a na escola, como costumavas reagir quando vês a situação de bullying a acontecer?

Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre ou quase sempre
<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>

		<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
<b>1.</b>	Eu junto-me e começo a intimidar o/a aluno/a também.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>2.</b>	Eu fico a ver porque é divertido e interessante.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>3.</b>	Eu afasto-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>4.</b>	Eu rio-me e aplaudo os/as bullies.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>5.</b>	Eu não faço nada. Fico quieto/a e passivo/a.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>6.</b>	Eu tento parar o/a bully ou bullies.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>7.</b>	Eu tomo o partido dos/as bullies e junto-me à situação de bullying.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>8.</b>	Eu digo a um professor ou professora.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

<sup>(1)</sup> Escala de Comportamento de Observadores de Bullying – ECOB (Melo & Pereira, 2017)

### **PARTE 2. COMO REAGES AO BULLYING HOMOFÓBICO NA ESCOLA? <sup>(2)</sup>**

Se vires um aluno, uma aluna ou vários/as alunos/as a intimidar(em) outro/a aluno/a na escola devido à sua orientação sexual ou por ser percecionado como diferente, como costumavas reagir quando vês essa mesma situação?

Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre ou quase sempre
<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>

		<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
<b>1.</b>	Eu junto-me e começo a intimidar o/a aluno/a também.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>2.</b>	Eu fico a ver porque é divertido e interessante.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>3.</b>	Eu afasto-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>4.</b>	Eu rio-me e "aplaudo" os/as bullies.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>5.</b>	Eu não faço nada. Fico quieto/a e passivo/a.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>6.</b>	Eu tento parar o/a bully ou bullies.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>7.</b>	Eu tomo o partido dos/as bullies e junto-me à situação de bullying.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>8.</b>	Eu digo a um professor/a ou a um/a funcionário/a.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

<sup>(2)</sup> Escala de Comportamento de Observadores de Bullying Homofóbico – ECOB BH (Melo & Correia, 2017. Versão para investigação) [Adaptação da Escala de Comportamento de Observadores de Bullying – ECOB (Melo & Pereira, 2017)].

**PARTE 3. ATÉ QUE PONTO DISCORDAS/CONCORDAS COM AS SEGUINTE AFIRMAÇÕES? <sup>(3)</sup>**

Discordo completamente	Discordo muito	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo muito	Concordo completamente
1	2	3	4	5	6

		1	2	3	4	5	6
1	Quando vejo uma situação de bullying homofóbico o melhor é não fazer nada, para não sofrer consequências.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2	Uma coisa boa do bullying é que a vítima aprende como se comportar e como não se comportar, para ser aceite pelas outras pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3	Não há problema em fazer mal a uma pessoa que seja gay/lésbica assumido/a.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4	As pessoas com uma orientação sexual homossexual merecem ser sujeitas a bullying.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5	Quando um amigo meu ou amiga minha goza com alguém, eu também gozo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6	Quando um amigo meu ou amiga minha chama "peneleiro" a outro colega eu acho graça.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7	O bullying justifica-se em certos casos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8	Só acho necessário intervir e ajudar numa situação de bullying se essa situação parecer realmente perigosa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9	Quando ouço dizerem mal de uma pessoa homossexual não digo nem faço nada porque tenho medo que façam o mesmo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10	Até é engraçado assistir a uma situação de bullying quando a vítima é um "totó".	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11	Quando vejo uma situação de bullying não faço nada pois não é nada comigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12	O bullying justifica-se quando a pessoa é gay ou lésbica.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13	Chamar nomes aos/às colegas é tão vulgar que nem vale a pena fazer nada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14	Hesitaria em apoiar pessoas homossexuais com medo de ser confundido/a com elas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15	Quando vejo uma situação de bullying homofóbico não faço nada pois não é nada comigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16	O bullying prejudica a vítima durante muito tempo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17	Até é engraçado assistir a uma situação de bullying quando a vítima é um "maricas".	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18	As vítimas de bullying homofóbico só se podem culpar a si próprias.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

(CONTINUA →)



**PARTE 3. ATÉ QUE PONTO DISCORDAS/CONCORDAS COM AS SEGUINTE AFIRMAÇÕES?** <sup>(3)</sup>

Discordo completamente	Discordo muito	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo muito	Concordo completamente
1	2	3	4	5	6

		1	2	3	4	5	6
19	Quando ouço dizerem mal de alguém não digo nem faço nada porque tenho medo que me façam o mesmo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20	Uma coisa boa do bullying homofóbico é que os gays e as lésbicas aprendem como se comportar e como não se comportar para serem aceites pelas outras pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21	Algumas pessoas merecem ser sujeitas a bullying.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22	Chamar "bicha" ou "fufa" aos/às colegas é tão vulgar que nem vale a pena fazer nada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23	Se eu vir uma situação de bullying homofóbico tenho a certeza de que seria capaz de a parar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24	Não há problema fazer mal a alguém de quem não gosto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25	Tenho confiança na minha capacidade para intervir em situações de bullying e ajudar a vítima.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26	Quando o/a agressor/a é alguém visto como "fixe" pelos/as colegas, eu não ajudo a vítima.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27	Sinto-me mal pelas pessoas que são gozadas por serem homossexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28	Quando vejo uma situação de bullying o melhor é não fazer nada, para não sofrer consequências.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29	Se alguém do meu grupo faz mal aos/às colegas, eu tenho de fazer o mesmo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30	As vítimas de bullying só se podem culpar a si próprias.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

<sup>(3)</sup> Escala de Observação de Manifestações e Motivos do Bullying Homofóbico – EOMMBH (Melo & Correia, 2017. Versão para investigação).

Se quiseres fazer algum comentário ou dizer algo sobre este assunto podes utilizar este espaço:

Verifica se não te esqueceste de responder a nenhuma questão.

**Obrigada pela participação!** 😊